

ASSIGNATURAS  
 ANNO. .... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso. 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO.

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

(Continuação do numero anterior)

...Não perturbem a nossa derrota as preocupações suscitadas pelos negocios politicos em fóco—a valorisação do café, a quebra do padrão monetario e o reconhecimento dos novos eleitos, que já estão reconhecidos nos concibulos prévios do partido unico, da unanimidade esmagadora que, ha penosos annos, asphyxia a nação. Ninguém duvida dos resultados que serão a victoria da politica dos governadores, cafeeiros ou não, e a desmoralisação do processo eleitoral corrompido no nascedoiro, como um producto teratologico engendrado em monstruosas entranhas.

\* \* \*

Continuando a nossa excursão pelo norte, em plena região de cidadãos de arco e flecha, como lhes chamava o sempre lembrado Martinho Campos, indicariamos ao sr. Affonso Penna a vantagem de abandonar, na bahia de Guajará, o navio do Lloyd para subir o Amazonas num dos vazos da navegação fluvial, vehiculos da cabotagem peculiar do Rio Mar. S. ex. poderia assim conhecer em largos detalhes a vida, os costumes daquella grandiosa e pictoresca zona equatorial, incomparavel paraizo do Novo Mundo.

Em seis dias de viagem por entre margens cobertas de impenetravel floresta virgem, o sr. Affonso Penna poderia visitar cidades decadentes, vestigios da prosperidade colonial, cidades florescentes, como Santarem, não depauperadas ainda pela febre da industria extractiva, que dispersou dos fócos de população todos os braços validos para arrojá-los ás aventuras e perigos dos seringaes.

Contemplando as maravilhas da natureza da região amazonica, os vastos trechos, cuja desolação é apenas interrompida por pequenas palhoças

erectas nas margens paludosas, emergindo da massa densa da floresta, tem-se a impressão de um thesouro olvidado, de uma magnificencia inerte. E a decepção se interrompe, apenas, ao encontro de vapores carregados de borracha, colhida nas longinquas margens transformadas em ninhos da cobiça dos exploradores, da cobiça do Governo Federal, que sómente nestes ultimos annos lhe reconheceu o valor.

Dessa desillusão s. ex. despertará em Manáos, cidade moderna cheia de vida, fervilhante de actividade, com as suas avenidas amplas, os seus palacios faustosos, a Manáos do *Pensador*, erguida sobre as taperas da Manáos de Tenreiro Aranha, depois de cincoenta annos de lethargia, de abandono, porque as vistas do governo imperial nunca attingiram aquelle recanto de mundo, separado da civilisação, exilado da zona das graças superiores aos merecimentos dos cidadãos de arco e flecha.

Aquelle prodigio de actividade fecunda, talvez sem precedentes nas tradições da preguiça nacional, foi realiado sob a pressão de uma campanha odiosa, cujos efeitos repercutiram nas altas regiões da politica, provocando uma athmosphera de suspeita que os factos mais eloquentes não puderam ainda diluir completamente.

Parecia obra superior á capacidade de alguns homens abnegados arrancar dos destroços abandonados da antiga capitania do Rio Negro, sacrificada á desidia do governo imperial, elementos maravilhosos de civilisação, incentivos de vida, de progresso naquelle formoso deserto de aguas e florestas, pontilhado de ruinas que attestavam o espirito forte dos descobridores, dos heróes que alli construíram cidades, fomentaram industrias, estabeleceram fabricas e conquistaram palmo a palmo, com inaudito esforço, o terreno aos selvagens, á inclemencia do clima, aos multiplos

obstaculos com que a natureza defende a sua virgindade.

Antes de contaminar a capital da Republica, agrilhoada ao cêpo da rotina, o espirito de melhoramentos com a intuição perfeita das necessidades, das aspirações de um povo culto, se havia manifestado no Amazonas, produzindo Manáos, que se póde considerar a mais brilhante criação industrial da Republica.

A calumnia teve o benefico effeito de chamar a attenção da politica para aquellas remotas paragens, sem lhe conquistar os favores, os auxilios que fôram prodigamente outorgados a outros Estados, mais approximados do fóco das graças.

Desde então, a politica federal começou a lançar olhares cúpidos para a Amazonia. Começou pelo porto de Manáos e terminou pela amputação de um pedaço do territorio, demasiado rico, demasiado extenso para fazer parte, integralmente, de um Estado do norte, um Estado que, com a elasticidade da sua producção, com a sua preciosa borracha, mette zelos, faz cocegas de inveja aos cultivadores da preciosa rubiacea.

O sr. Affonso Penna reconhecerá por inspecção pessoal que, salvos os desvios occasionados pela politicagem preponderante em todo o paiz, como um contagio de que é principal responsavel o Governo Federal, ha no Amazonas um fecundo espirito de iniciativa que, bem orientado, libertado da tutella ferrenha que lhe pretendem impôr, poderá completar a obra de civilisação de que Manáos é a conquista inicial. S. ex. verificará que esses homens malsinados, cujos crimes são peccadilhos veniaes comparados ás atrocidades monstruosas da olygarchia acciolyna, vão deixando traço, vão deixando meritorios vestigios da sua administração como outros que se perpetuam nas suas obras, nos monumentos impereciveis de sua passagem pelo Governo.

E ha muito que fazer ainda naquella feracissima região. Descobriram-lhe rios ignorados, caminhos amplos para maravilhosas fontes de riqueza, continuando a conquista civilisadora esbarrada durante mais de um seculo nos sitios assignalados pelas ruinas dos monumentos da Companhia de Jesus. Falta, entretanto, realizar a obra do povoamento, do radicamento da esparsa população do sólo, facta iniciado pela tenacidade, pela bravura, pela actividade insuperavel da imigração cearense.

Emprehendido systematicamente esse trabalho patriótico, o Amazonas será o primeiro Estado da União, si lhe não cercearem as azas as garras implacaveis de uma politica de ganancia, obsecada pelas opulencias da borracha, encapotada sob o pretexto de augmento dos membros da União.

POJUCAN.

## A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA TELEO-MECHANICISTA

O naturalismo critico, ou agnosticismo evolucionista, ou evolucionismo integral de Spencer, em suas linhas geraes, quaesquer que possam ainda ser suas lacunas, é para Sylvio Romero a philosophia onde a doutrina da evolução estabelece definitivamente a unidade das forças physicas, do pensamento e do mundo exterior, a equipolencia gradativa, uniforme, do objectivo e do subjectivo, do *phenomenon* e do *noumenon*.

O positivismo *comtesco* desconheceu a delimitação dos dominios philosophicos e scientificos. A philosophia é-lhe a propria sciencia quando definitivamente constituida. Por uma incoherencia de principios, Comte chegou a concentrar na humanidade o indefinido, o intangivel e o indeterminado de Hegel. Para elle, o auctor da *Philosophia Positiva*, a humanidade se assemelhou a alguma coisa do velho Deus dos theologos. A Terra, como o altar dessa divindade, fôra o grande *fetiché*; a humanidade como resumo de tudo — o *grande sér*.

Como se vê claramente, ha nesta concepção theologica uma reminiscencia atavica do velho erro geocentrico e anthropocentrico — que fez da Terra o centro do mundo e do homem o rei da criação.

Não é esta a theoria agnostica evolucionista de H. Spencer, como teremos de ver.

Nos *Ensaio de Philosophia do Direito*, o notavel escriptor brasileiro formúla as seguintes proposições substanciadoras dos principios *spencerianos*:

«Ha um impulso evolutivo na sociedade como em a natureza.

A sociedade por toda a parte tem atravessado fundamentalmente as mesmas phases.

A sociedade gravita para o progresso, como os corpos para a Terra e os astros em torno de um centro.

A evolução social tem consistido numa differenciação constante das suas funcções.

Cada alteração fundamental nas producções capitaes do pensamento repercute em todos os ramos das idéas ou intuição geral das coisas.

Os esforços combinados são proporcionalmente mais productivos do que os esforços isolados.

O caracter do aggregado social é determinado pelos caracteres das unidades componentes.

Todo o egregado estavel tem uma organização relativa.

Sem uma structura governamental segura e duravel, a sociedade não attingiria grande desenvolvimento.

A medida que a sociedade cresce, o centro regulador imita a sua evolução tornando-se cada vez mais complexo.

A existencia de um aggregado social é dependente da existencia de desigualdades quanto á auctoridade.

Só a acção de uma organização que torne obrigatoria a obediencia pôde levar os elementos do aggregado social a uma acção commum.

A formação de um organismo social, como do biologico, começa por uma certa differenciação, cujo resultado é tornar a porção peripherica distincta da porção central.

Do agente coordenador encarregado primitivamente de funcções indivisas, pôdem saír muitos agentes coordenadores que partilhem entre si as funcções do primeiro.»

Com a maxima probidade litterario-scintifica, declara Sylvio que muitos destes principios se encontram em Spencer; mas ao seu ver — são verdadeiras leis, que se impõem, que não pôdem deixar de ser accéptas.

Comprovado pela sciencia o fecundo principio da unidade das forças physicas, estabeleceu-se a co-relação entre os phenomenos physicos e os phenomenos mentaes, intellectuaes e moraes do homem.

A doutrina unitaria teleo-mechanicista encontrou então no *fieri* perpetuo da substancia kosmica, por evoluções e integrações especiaes, grandes verdades proclamadas pela philosophia antiga.

A concepção teleo-mechanicista considera que atomo ou atomos, a molecula ou moleculas em que se concentra em nós o pensamento, moleculas que o constituem, diremos melhor, e todas as actividades psychicas, — não é ou não são as mesmas dos demais atomos ou moleculas esparsas pelo Universo. Differentes sua relação, sua energia e sua marcha evolutiva.

Em cada uma dessas unidades, reside um fóco de acção, de energia individual e nativa. Mas, a despeito de vida e actividades proprias, regem-se todas em sentido geral por leis mechanicas.

Tobias Barreto não acreditava na existencia de uma sciencia social. Em nome da philosophia de Kant, estabelecendo a distincção entre motivo e causa; aquelle, consciente e finalístico; esta, cega e fatal, elle foi o mais ardoroso batalhador contra o positivismo entre nós.

A constituição de uma *poliologia* scientifica se lhe afigurou impossivel pelo arbitrario que a liberdade indúz na succussão dos acontecimentos.

Convém que lhe ouçamos as proprias palavras:

«Eu não creio na existencia de uma sciencia social. A despeito de todas as phrases rhetoricas e protestos em contrario, insisto na minha velha these: — a sociologia é apenas o nome de uma aspiração tão elevada quanto pouco realisavel. Além deste caracter de simples postulado do coração, que vê, ou quizera ver na sociedade humana um todo organico, subordinado, como os demais organismos, a certas e determinadas leis, a palavra não tem outro sentido que mereça ser investigado.

Logo em principio, salta aos olhos que o estudo dos phenomenos sociaes, considerados em sua totalidade e reduzidos á unidade logica de um sistema scientifico, daria em resultado uma estupenda *pantosophia*, evidentemente incompativel com as forças do espirito humano». E, á pagina 103 das *Questões Vigentes*, escreve sobre o mesmo assumpto: «A lei geral da *embryologia* de todos os craniótas, isto é, de todos os animaes armados de cranéo e cerebro, é a seguinte: o desenvolvimento embryonal de cada individuo é parallelo ao desenvolvimento paleontologico do respectivo tronco. E' esta lei que Lillienfeld, Le Bon e outros querem applicar á sociedade, sem notar que ella encontra logo um primeiro embaraço, não muito facil de arredar, que é saber qual seja o *embryão social*, cuja outogénese mostre precisamente uma rapida repetição da phylogénese.»

Como se vê, a critica ao naturalismo critico não podia ser mais decisiva e mais altamente vibrada.

A defeza apresentada por Sylvio Roméro a favor de agnosticismo evolucionista, pôde ser consubstanciada nas seguintes linhas :

«Não vemos o motivo pelo qual a sociedade humana, submettida a estudo, daria logar a uma *pantesophia* superior ás forças de nossa intelligencia, quando o mesmo não acontece ao mundo physico, mais vasto, mais variado, diz elle.

«Cada um dos seus enormes aspectos, que dão logar á mathematica, á astronomia, á physica, á chimica, á biologia, é por si só talvez tão extenso quanto a materia da sociologia, o que não impediu que o espirito humano instaurasse sobre cada um delles uma sciencia especial, que se divide em numerosas ramificações, esquadrihando a realidade por todas as faces e investigando milhares de problemas.»

No entender do auctor da *Historia da Litteratura Brasileira*, a liberdade humana é um facto inconcusso, mas que de fórma alguma impossibilita a formação sociologica.

«Ninguem hoje acredita mais, diz Sylvio Roméro, nem defende a liberdade absoluta, o *libérum arbitrium indifferentiæ* dos escolasticos. Sustenta-se apenas a liberdade relativa.» Si atravessando uma rua, um homem vê um carro se dirigir sobre elle, lê-se na *Introdução á sciencia social*, pôde-se affoitamente assegurar que em novecentos e noventa e nove casos em mil, elle procurará não se deixar esmagar. Quanto ás previsões scientificas, apezar de nem todas terem o mesmo gráu de previsão, devido á natureza dos phenomenos, pensa o philosopho inglez que não se pôde affirmar a inexistencia de uma sciencia destes phenomenos. Desde que ha previsão ha sciencia; tal o principio spenceriano.

«Os mesmos conhecimentos que nos permitem prever a trajectoria de um planeta ou de uma bola, nos ensinam que cada um dos fragmentos descreve uma curva; que todas estas curvas, ainda que differentes entre si, serão da mesma especie; que (suppondo que se desprezem os desvios devidos á resistencia do ar), serão porções de elipses bastante excentricas para se confundirem com parabolos, pelo menos quando a pressão dos gazes cessar de acelerar o movimento.

Os principios da mechanica nos permitem prever tudo isto com certeza, mas interrogariamos debalde a sciencia a respeito da sorte particular de cada um dos fragmentos.» E conclúe: «sómente a marcha geral de um phenomeno pôde ser previsto: as minudencias não o serão.»

Identico é o facto da previsão sociologica.

Releva não deixar despercebido que tambem um espirito culto, o dr. Nina Rodrigues, protesta em nome do determinicismo scientifico contra o livre arbitrio relativo.

A Tobias Barreto, como monista e renovador do direito neste paiz, são preferentemente dirigidos os ataques do illustre professor de medicina legal. A critica inserta n' *As raças humanas* é traçada vigorosamente pelo psychiatra brasileiro e escudada nas lucubrações de Ribot, Veron e Enrico Ferri.

A esse bello espirito, sectario das theorias psychologicas cellulares de Hæckel, affigura-se incoherente o modo de comprehender o phenomeno da vontade da parte de quem entreviu que «mais tarde ver-se-á na pena em nome de Darwin e Hæckel alguma coisa de semelhante á *selecção spartana*, ou uma especie de *selecção juridica*, pela qual os membros corruptos vão sendo postos á parte do organismo social.»

E' todavia, digamos logo, carecedor de direito esse processo critico que descobriu incoherencia na concepção philosophica do auctor dos *Menores e Loucos*.

Tobias admittiu, pelo contrario, o livre arbitrio relativo como um postulado do amplo e fecundo monismo de Noiré, que, no consorcio do movimento com o sentimento, encontrou meios de explicação para os phenomenos da vida e do universo inteiro. O notavel pensador, com Darwin e Hæckel, viu na sociedade um conjuncto de forças que luctam contra a lucta pela existencia, mas percebeu que nesse combate a victoria é quasi sempre a da cellula contra a natureza bruta. Então o aggregado humano, que é um producto da natureza, torna-se anti-natural por força da cultura. As leis naturaes deixam de ser identicas ás da mechanica social.

O social, que é um resultante de differenciação, é synonymo de cultural. E é pelo exposto, consoante a sua concepção monistica, que Tobias entreviu a selecção juridica á semelhança da selecção ingleza, surgindo mais tarde, porém, como um producto da cultura, uma manifestação da politica social em nome da civilisação.

Resumindo e concluindo: para a concepção teleo-mechanicista, a sociedade é um producto de transformação de força, e, como um prolongamento da mechanica universal, a mechanica social vive da luz que vem do sol, que é o agente primordial do aperfeiçoamento humano, o extraordinario factor da cultura e das civilisações.

PRADO SAMPAIO.

## ARMADA NACIONAL

*Os capitães de corveta—Sua superioridade sobre os demais officiaes superiores — As causas — Seu futuro.*

No quadro de capitães-tenentes, já o dissemos, a analyse nos conduzirá a conclusões muitissimo mais animadoras, a um resultado, podemos dizer, satisfactorio. São duas principalmente as causas que para isso concorrem: a epocha em que quasi todos os actuaes capitães-tenentes, se fizeram officiaes, é a primeira; a segunda é ter a quasi totalidade desses mesmos officiaes attingido ao posto que ora occupam em idade relativamente pouco avançada.

De facto, excluidos alguns dentre elles, em reduzido numero, os actuaes capitães-tenentes fôram guardas-marinha de 1880 para cá. Os progressos a que já nos referimos, e que vinham sendo introduzidos na arte da guerra naval, desde o terceiro quartel do seculo passado, impunham-se já em 1880, tomavam uma feição de quasi acabamento, tornavam-se factos incontestaveis. O torpedo automovel fazia-se realidade, a artilharia de ante-carga era definitivamente banida, a electricidade invadia o vaso de guerra, já protegido por couraças que entravam na phase de aperfeiçoamento, etc.

Todos esses progressos, adoptados, enbóra medrosa ou tardiamente, na nossa marinha de guerra, contribuíram para que os officiaes que então se formavam, fôssem sendo educados de uma feição diversa daquella por que o haviam sido os seus superiores, aos quaes as novidades introduzidas vinham encontrar officiaes, feitos já na escola antiga, aferrados á rotina e, por commodidade ou falta de estimulo, condemnando os mesmos progressos.

Os nossos officiaes de então formavam-se na epocha em que a nossa marinha de guerra adquiriu as primeiras torpedeiras, o *Riachuelo* e o *Aquidaban*, navios verdadeiramente modernos; na epocha em que foi talvez a maior, e por certo a mais aproveitavel, a movimentação da nossa esquadra, pois foi durante ella que se organizou a primeira esquadra de evoluções no nosso paiz, e que se fizeram algumas viagens em divisão, para não

falarmos das viagens de navios isolados, longas algumas, e em grande numero.

Essa primeira causa teve, pois, como resultado, uma educação mais á moderna dos officiaes que ora estudamos. A segunda causa—a pouca idade com que attingiram ao posto de capitão-tenente, quasi todos elles — trouxe como resultado a conservação do estímulo proprio e do amor á profissão, que, assim, não se lhes mostrava ingrata. Entre os actuaes capitães de fragata, muitos fôram os que alcançaram a promoção a primeiro-tenente com 7 e 8 annos de segundo-tenente, e chegaram a capitães-tenentes com mais de 4 annos. Entre os capitães-tenentes, a maior parte não levou mais de 4 annos como segundo-tenente e quasi todos attingiram ao posto de capitão-tenente entre 30 e 38 annos.

Accresce, como terceira causa, para tornar mais elevado o nível do preparo profissional dos que são hoje capitães de corveta, o facto de grande numero delles ter tomado parte activa, com o governo ou pelos revolucionarios, no movimento de setembro de 93. As operações navaes então careceram de importancia real, e ambas as esquádras, a do Governo e a revolucionaria, muito deixavam a desejar. Porém, maior aproveitamento teria quem se batesse em qualquer das duas, do que quem se fizesse esquecido pelas prisões politicas ou em commissões longinquas.

Comtudo, esses progressos a que nos referimos, não fôram os ultimos: novos aperfeiçoamentos eram introduzidos na artilharia, no torpedo, nas machinas, na navegação, no fabrico das couraças e das polvoras, e justamente quando esses aperfeiçoamentos eram trazidos para o terreno pratico, eram ultima palavra, a armada nacional atravessava a terrivel crise de desorganisação e de apathia que começou com o findar da revolução de 93, e que ainda hoje não terminou.

Muitos dos actuaes capitães-tenentes, através dessa crise, se fôram atrasando em relação aos novos progressos; raras commissões permitiam acompanhar de perto esse incessante progredir, e para exercel-as o numero desses officiaes era excessivo. As com-

missões de embarque rareavam; os navios viviam, em infundaveis concertos, inertes nos portos; assim, grande numero de capitães de corveta, officiaes que haviam sido competentes, descaíam, e são hoje, afinal, officiaes mediocres.

Serão perdidos? Não o seriam si as nossas condições fôsem outras; quasi todos, moços ainda, só teem necessidade de estímulo, de algo que os fôrce á actividade, que os faça reentrar no antigo amor ao estudo e á profissão, para voltarem a ser o que fôram: officiaes competentes.

Suas condições são diversas das dos capitães de mar e guerra e de fragata que taxámos de incompetentes, já muito mais velhos e alheios á vida do mar; esses são effectivamente officiaes perdidos, aguardando, em geral, mais dez ou doze annos de serviço (?), na vergonhosa inactividade em que vegetam, para, com uma vantajosa refôrma, voluntaria ou compulsoria, retirarem-se aos seus lares.

O numero de capitães de corveta, mediocres, como dissemos, é grande. Não *seriam*, dissemos tambem, officiaes perdidos; *voltariam* a ser competentes, si outras fôsem as condições da armada nacional, si fôsse outro o criterio dos nossos administradores. Mas as condições são as que sabemos e o criterio dos administradores é o que temos visto, e então, esses officiaes mediocres irão dia a dia mais se inutilizando, tornando-se cada vez mais incapazes.

Hoje, porém, fazendo sobre o quadro dos capitães de corveta, estudo igual ao que fizemos para os outros, chegaríamos ao resultado seguinte: de 77 officiaes dessa patente ha 25 competentes, ha 30 mediocres e *apenas* 22 incapazes; o *apenas* são natural, espontaneamente do bico da penna ao lembrar o numero de incapazes dos outros quadros.

Aqui nos occorrem, impondo-se, as phrases do visconde de Ouro Preto e do almirante Jaceguay, phrases que já transcrevemos quando estudámos a marinha de guerra ao romper a guerra do Paraguay, e que se referem aos officiaes superiores de então: «incompetentes, inutilizados, em geral, pela avançada idade ou pela diuturna permanencia em commissões de terra,

perdidos para sempre os habitos, etc.» Nessa epocha, diz ainda o almirante Jaceguay, por palavras outras sim, mas com o mesmo pensamento, foi só nos officiaes subalternos que o governo imperial encontrou a energia, a dedicação e a abnegação necessariás ao sacrificio pela patria; foi só delles que o governo imperial lançou mão; elles, sós, salvaram o bom nome da marinha de guerra, e, talvez, a nação.

As epochas, essa e a de hoje, parecem-se. Os officiaes superiores são, agóra, o que já vimos. Amanhã, não serão, porventura, os actuaes officiaes subalternos, os que, com o sacrificio da vida, terão de salvar, pelo menos, os credits da armada nacional, desorganizada, impotente, e atulhados os seus quadros superiores de gente inutil e incapaz?

TONELEIRO.

## A LIVRARIA

OS MODERNOS PUBLICISTAS PORTUGUEZES, POR BRUNO — LIVRARIA CHARDRON, DO PORTO.

Por criticas que tive occasião de ler, feitas ao *Brazil Mental*, publicado não ha muito, e devido á penna do mesmo auctor deste livro de agóra, eu julgava formar uma idéa approximada de quem elle fôsse.

Não me pezava muito, em consequencia, haver deixado passar aquelle seu volume anterior sem lhe conhecer nem o frontespicio, estando fóra do paiz na occasião em que elle appareceu á venda. Ninguem lhe negava certos elogios, mas ao par de censuras taes, que estas eram antes para persuadir-me que eu me devia dar as alviceras por ter escapado á sorte que levára os meus collegas a manusear esse volume.

Agóra que tive de perpassar as paginas deste outro, dou razão em boa parte aos criticos, verificando mais uma vez, apesar de tudo, como os gostos neste mundo variam.

Devo declarar: sympathizei com o sr. Pereira de Sampaio, que assigna seu nome no prologo, embóra continúe a adoptar na face do livro o pseudonymo de Bruno, por que mais o conhecem.

E' certo que dois grandes defeitos o prejudicam enormemente: a falta de methodo e um estylo insano, inexplicavel, — elle que me perdôe, — a não ser num ignorante de máu gosto.

Dizia-se, a proposito do *Brazil Mental*, que nessa obra tudo se encon-

trava menos aquillo que o titulo nos promette. Com este outro quasi que acontece a mesma coisa: termina-se a leitura dos *Modernos Publicistas Portuguezes* sem ficar com uma idéa sufficiente em relação a estes.

Não é que o auctor deixe de citar nomes e mesmo de falar longamente sobre muitos individuos; mas é que o faz sem ordem chronologica ou de qualquer especie que seja, ás soltas e ao acaso, determinado este ás vezes pelas mais caprichosas, mais imprevisitas suggestões.

De roldão com portuguezes, ahi vêem hespanhões em quantidade, gente de França, allemães, inglezes, russos, *tutti quanti*, e, sempre em gyro, na curiosa sarabanda em que andam todos e tudo, elle, Pereira de Sampaio, vulgo Bruno, como um figurante central, falando-nos de sua vida, de suas obras, de suas amizades, de suas crenças, de seus desesperos. Apesar da vertigem em que anda nesse vortice incessante, váe abrindo-nos innumeraveis livros pelo caminho, citando, a proposito, e mesmo quasi que sem proposito algum, ás vezes uma só phrase, outras vezes seis paginas em corpo dez.

Começando a falar-nos de Theophilo Braga, embarafusta pela poesia, e como de poesia se trata cita-nos o russo Bakunin, aproveitando ainda o assumpto para lembrar o nome de Victor Hugo e referir-se ao sr. Maximiano Ricca, traductor portuguez.

Do sr. Maximiano salta para Herbert Spencer, deste para sir George Grey e a sra. Thomson.

Cita Turner a proposito dos ilhéos da Nova Caledonia, e depois Burton, lembrando o que este observou entre os krumanos em relação ao que elles pensavam sobre os europeus.

Apoia-se em Barbe para confirmar a observação de Burton e tem occasião de beliscar Herbert Spencer pelo anglicanismo exaggerado que lhe uota, apesar da universalidade de suas doutrinas.

De Spencer passa para Darwin, de Darwin para Wallace e deste para o espiritismo.

A proposito de apparições, fala-nos em Viriato, em Annibal, em Sexto Julio Frontino, e, antes de pôr um termo ao periodo em que nos faz defrontar com estas sombras remotas, refere-se a um contemporaneo, o sr. Léo Joubert, a proposito de certa pecha que elle lançára sobre o referido Frontino.

Neste ponto volta, ao sr. Theophilo Braga.

Cito este exemplo só. O livro inteiro é assim construido. São as digressões que constituem o assumpto principal; aquelle que o devia ser, em

obediencia ao titulo, transforma-se em mero pretexto.

Quando se volta destes longos episodios, vem-se esbaforido, desmoralizado, com a laço da gravata desfeito, sem poder atinar, de todo, muitas vezes, com o ponto de que se havia partido.

Ha casos em que Bruno cita simplesmente por citar, não raro com prejuizo do auctor, porque põe em relevo justamente os seus mais humildes logares communs.

Por exemplo, este, que elle transcreve do brilhante Latino Coelho: «Um rei que foge é moralmente um rei que abdica.» E ainda este outro do mesmo auctor: «O dia 14 de julho de 1789 assignalára a abolição da realza absoluta.» Coisas que se não devem deslocar do corpo da obra, onde tem ellas sua razão de ser.

Como si não bastassem estes defeitos de methodo e esta falta de bom gosto na linha geral da construcção, que fatigam, desorientam e indispõem o mais benevolo dos leitores, quasi que todo o livro é feito num estylo phantastico, inverosimil, numa linguagem arbitraria, cheia dos mais excusados gallicismos, pejada de vocabulos cujas terminações se encontram modificadas por mero e esturdio capricho, com a incrustação de locuções ás vezes archaisadas, que sôam mal hoje em dia e antes desconjunctam ainda mais, ajudadas por uma estrambotica syntaxe e uma excentrica pontuação.

A's vezes, os adjectivos vêem puxados pelos cabellos, sendo muito pouco applicaveis no caso, prejudicando, si não traíndo totalmente o effeito procurado.

Como consequencia de tudo isso, resulta uma obscuridade geral, antipathica e cançativa, mesmo irritante, que levará a maior parte dos leitores a fecharem o livro, descoroçados, vencidos, com a resolução heroica de nunca mais lhe pôrem a vista.

Quem dispõe de tempo, entretanto, e deseje distraír-se com alguma coisa de que possa tirar algum proveito, não andarás acertado decidindo-se irrevogavelmente por esse acto de condemnação.

E' curioso. Não conheço outro caso que offereça perfeita analogia com este, principalmente na lingua portugueza. Aprofundando-se os trabalhos do sr. Sampaio, verifica-se que os elementos anarchicos que entram na sua composição, tirando-lhes toda e qualquer harmonia exterior, não impedem, no emtanto, que haja nelles uma unidade intima, que os anime um espirito intelligente, seguro e sympathico.

Chegando-se a terminar tão ardua leitura, reconhece-se que se acabou

de travar conhecimento com um individuo perfeitamente estimavel, como é todo escriptor honesto, que antes de emprehender tomar-nos o tempo tratou de se fazer digno de ser lido, adquirindo a melhor e mais intensa cultura de que era capaz, e que em seguida nos apresenta com lealdade, sem poupar-se a esforços, o fructo desse serio labor.

Bem considerado, o livro do sr. Bruno, não correspondendo á intenção particularista do seu auctor, subordina-se, comtudo, a um determinado assumpto, nas suas linhas geraes. Elle não representa a apothese e ainda menos a critica dos modernos publicistas portuguezes; mas pôde ser considerado como material para a historia da evolução das idéas politicas no Portugal moderno.

Atravéz de todo o pandemonium, que é o que vem a ser, por certo lado, as paginas de que estamos falando, esse assumpto é nellas tratado com segurança, lucidez e probidade que chegam a tornar a obra interessante.

Não podia compôr este livro um homem falto de fortes conhecimentos geraes, por leituras, reflexão e viagens, que não assistisse interessado ao desenvolver da historia contemporanea de seu paiz e descurasse de colligir os documentos que no evoluir dos dias iam se lhe offerecendo, mas, sobretudo, que não tivesse uma alma sufficientemente bem formada e dotes de espirito bastantes para discernir claramente, julgar com imparcialidade e afirmar-se sem tibieza, de modo a poder nos dar conta do que vem a ser o problema politico portuguez, expondo-nos sua opinião sobre o modo de resolvel-o.

Porque é isso principalmente o que tem a lucrar aquelle que precise aprender alguma coisa a este respeito, si se der ao aspero trabalho de chegar até ás ultimas paginas deste livro.

Confesso que a mim não foi tão difficil fazel-o, porque, como já disse no começo, o sr. Pereira de Sampaio, ou leia-se Bruno, conquistou minha sympathia pela feição intima do seu espirito.

Depois, acontece que até nas proprias digressões poucas vezes elle deixa de ser interessante, lido como se mostra, e de boa leitura, lido e vivido, doptado de uma accentuada sympathia geral pelos homens e pelas coisas, mas ao mesmo tempo calmo e avisado em todas as occasiões, como um bom representante da nossa assizada raça luzitana.

Vaguei com elle atravéz das suas paginas como um companheiro mais velho, sem querer saber muito por que azinhagas, betesgas ou dedalos me levava, confiante em que ia ao lado de um homem honesto, a quem a vida e

os estudos tinham certamente depurado pontos de vista que eu ainda não conhecia, principalmente tratando-se de certos objectos, sobre os quaes quasi que apenas eu me iniciava.

Houve occasiões, porém, em que, antes contristado do que contente, o vi sair da sua calma habitual. Foi quando se tratava das coisas presentes portuguezas.

Quem sempre viveu no Brazil, onde hospedamos tantos representantes do velho reino, mas que na sua grande parte saíram da camada popular e aldeã, ainda hoje intacta, systematicamente optimista e confiante nos destinos da patria, não pôde fazer uma idéa do pessimismo corrosivo que lava hoje na alma do portuguez das cidades, principalmente do portuguez viajante e *snoob*, phantasiado de inglez e arranhando allemão, com coremonias parisienses, que se encontra vagando, superiormente desilludido, pelas capitaes de Europa.

Era difficil que o sr. Pereira de Sampaio deixasse de padecer um pouco dessa molestia. A litteratura portugueza contemporanea propagou-a por todos os centros cultos do paiz, ajudada infelizmente em bõa parte pela triste realidade das coisas. Ella veio para denunciar esta ultima, e denunciou até ao exaggero.

As paginas em que o auctor dos *Modernos Publicistas Portuguezes* se revolta contra as praticas e costumes geraes de sua terra participam da energia impiedosa e apaixonada de quanto os Ramalhos, os Eças, os Antheros, os Oliveira Martins produziram nesse sentido.

E' impossivel a um povo radicalmente mudar de indole, e ainda bem, porque a extirpação de um defeito implica o fanar inevitavel de uma qualidade correspondente.

Por outro lado, não ha raça, como não ha individuo incapaz de representar num dado caso uma quantidade positiva; esta, porém, se tornará negativa, conforme as novas necessidades da occasião. A culpa principal do derrotado é não ter vindo á sua hora, ou então ter sobrevivido a ella. E só no caso em que as circumstancias tornem a offerer-se analogas ás que nos deram uma determinada victoria, é que podemos nos fazer novamente necessarios e ganhar outros laureis ainda.

Reflectindo-se assim, comprehendese a situação moral dos portuguezes illustrados de hoje, porém antes se os lastima do que se lhes pôde dar inteira razão. De certo ponto por deante, as recriminações dos Isaías de todos os tempos são injustas e apenas contraproducentes.

Lendo-se, no emtanto, no intimo destes homens, vendo-se que os me-

lhores dentre elles nessa attitude ardorosa de agóra ainda se mostram os herdeiros dos batalhadores sobrehumanos que symbolizam a raça nos seus tempos aureos, sente-se uma enternecida *sympathia* em seu favor, como será o caso de quem saiba conviver intellectualmente com o honesto, intelligente e operoso auctor deste livro.

Por fim, duas palavras devidas á casa dos srs. Lello & Irmão, estabelecida no Porto, editora da obra. Nós outros brazileiros lhe devemos deferencia, vendo figurar no seu rico e variado catalogo, entre outros nomes, os de varios dos nossos auctores. Principalmente por nos ser bastante necessario, e talvez já não menos a Portugal, que alli se tenha uma noção do que vamos sendo muito mais exacta do que infelizmente por emquanto acontece.

NUNES VIDAL.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Panno de madeira. — Novas applicações da madeira, como succedaneo do algodão, da crina da sêda.*

E' o nome dado ao tecido feito com um textil chamado *licella*, que, inferior ao algodão, adquire mais resistencia si se lhe adicionar 1 ou 2 % de viscoso (cellulose da madeira) de polpa preparada com carbonato de soda pelo processo Kellner-Turk, permitindo fiar fios extremamente finos, de comprimento ininterrupto, quasi illimitado.

Com essa materia prima se fazem pannos de 1 metro e 40 centimetros de largura, tão barato que se pôde obter com elle um vestido custando uma duzia de francos.

Essa nova utilização da madeira veio dar-lhe um accentuado augmento de valor. Calcula-se que uma stera de madeira de pinho na floresta vale pelos preços allemães, 3 fr. 50; empregado como combustivel, 7 fr; como cellulose polpa, na fabricação do papel, cerca de 60 fr; como fio, substituindo a juta, o algodão, conforme o processo Kellner-Turk, 60 a 115 frs; transformado em imitação de crina de cavallo, 1.785 frs; transformado em sêda artificial, conforme o processo de Lechner, 3570 frs.

Disso se conclúe que a industria florestal pôde offerer magnificos lucros áquelles que souberem explorá-la.

*Insectos prejudiciaes. — Seus inimigos. — Fiscalisação das sementes e plantas importadas. — O que se fez na California.*

Perseguida pelos insectos prejudiciaes, muito abundantes no seu territorio, a California empregou contra elles severas medidas que consistiram principalmente: — 1º, na propagação de outro insecto inimigo do que destruiu e infeccionava as plantas; 2º, a quarentena imposta a todas as plantas aos bulbos ou arbustos importados.

A *cincidella ceoptero*, que ataca certos fructos, foi rigorosamente combatida exterminada pela *scutellista cyanea*, mosca de quatro azas, originaria, do Cabo e terrivel adversaria dos insectos prejudiciaes.

Graças a esse precioso auxiliar, a industria dos pomares, um dos grandes recursos da California, pôde salvar alguns milhões de dollars annualmente. Além disso, as vantagens desse processo são duplas: de um lado, restringe as causas de um mal, um verdadeiro flagello; por outro lado, evita consideraveis despezas com os outros meios empregados.

Apezar disso, a importação de sementes e plantas continúa a ser severa e minuciosamente fiscalizada. Uma commissão especial, para isso nomeada, reconheceu que muitos insectos prejudiciaes são importados com as plantas. Dahi, a necessidade de pol-as em quarentena, sendo destruidas inexoravelmente as suspeitas de vehiculo de germens nocivos.

A lei investiu essa commissão das mais amplas attribuições para auctorizar a introducção de plantas que são examinadas minuciosamente; soffrem fumigações, passam por varios exames até serem collocadas numa caixa especial com uma etiqueta da inspecção que lhes auctoriza a livre introducção no territorio do Estado.

Essas quarentenas são muito rigorosas em certos paizes da Europa; alguns dos quaes, como a Italia, prohibem absolutamente, para preservar os seus vinhedos, a importação de qualquer planta proveniente de França ou de paizes infectados de *phyloxera*. Um bouquet de flôres, um fructo não pôdem atravessar a fronteira.

No Brazil se teem feito varias tentativas para applicação do processo de oppor aos insectos prejudiciaes insectos bemfeitores. Contra a saúva voraz estavamos empregando a formiga cuyabana que é um inimigo feróz daquella que, em certos pontos do territorio nacional, é uma verdadeira peste da lavoura.

Tambem se recorre contra os insectos nocivos, principalmente a lagarta, ao auxilio dos passaros. Nos Estados-Unidos, foi preciso importar da Europa pardaes para protegerem a

lavoura. Esses alados amigos do homem se propagaram maravilhosamente em myriades que povoam os campos, as ruas de cidades, onde são tratados com especial carinho.

Não acontece o mesmo entre nós. A nossa população do interior não comprehende a funcção benéfica desses protectores das searas; persegue-os sem piedade, como em S. Paulo, onde os italianos destruíram os passarinhos para servirem de alimentação.

O governo francez promulgou um decreto approvando a convenção, assignada em Paris a 19 de março de 1902, entre os governos da França, Allemanha, Belgica, Hespanha, Grecia, Luxemburgo, Monaco, Portugal, Suecia e Suissa, para a protecção das aves uteis á agricultura.

Nos principaes artigos dessa convenção, ficou estabelecido: protecção absoluta das aves uteis, insectivoras, de modo que é prohibido matal-as em qualquer tempo, destruir-lhes os ninhos, os ovos e as ninhadas; interdicção da importação, transito, transporte, compra e venda de ninhos, ovos, ninhadas; prohibição de todos os processos de captura ou destruição em massa.

A convenção organizou uma lista das aves uteis e outra das aves nocivas.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### AINDA «O PRIMO BAZILIO»

Como promettemos no num. 76—quando aqui safu a primeira resposta ao artigo de Eleazar contra o *Primo Bazilio*—damos hoje a segunda, que é firmada por um velho jornalista que se occultava no pseudonymo de *Amenophis-Effendi*. Já dissemos, e repetimos, que era imprescindivel publicar essas defezas ao livro do Eça, para bem se considerar o outro folhetim de Eleazar, antigo pseudonymo de um nosso grande escriptor vivo, cujos rodapés de critica, no *Cruzeiro*, fizeram epocha em 1878.

.....

Que te relate o que me tem chamado aqui a attenção, pediste-me tu. Começarei a cumprir hoje a promessa, e como ouço constantemente, quando dois conhecidos se encontram quer nas ruas, nas praças, nas mesquitas, uma só pergunta: já leste o *Primo Bazilio*? tendo hontem acabado de ler o romance portuguez a que se referem, e em seguida um folhetim critico de uma publicação diaria, *Cruzeiro*, analysarei ás largas essa critica,

e assim terás uma idéa do romance do distincto escriptor portuguez e do seu critico.

Eleazar (*que não parece ser protegido por Deus*) começa por classificar *titere* a heroína do romance; duas linhas depois dessa classificação, consente que este *titere* tenha nervos e musculos (Eleazar é mais habil que Vaucanson). Apesar do *systema nervoso* de Luiza, o critico nega-lhe a possibilidade de ter paixões, remorsos e mesmo consciencia.

Não ha duvidar, em essa Galathéa depois de animada pelo sopro de vida de Pygmalião, Eleazar continúa a ver a estatua, não lhe importando o favor concedido por Venus ao famoso rei esculptor, e isso apesar da moça, quando solteira, ter amado Bazilio, apesar de Luiza ficar *nervosa* quando vê o primo que voltára do Brazil, máu grado *fazer-se escarlate* quando o moço diz-lhe estimar muito ter chegado estando o marido ausente da cidade, rubor esse que não obsta o abandonar da mão a um beijo e o fazer o Bazilio comprehender que deve voltar no dia seguinte.

Que fazer? Eleazar não consente que se *peçam paixões e remorsos* a Luiza, entretanto que *a tarde e a noite a moça gasta-as a pensar ora no marido, ora no primo*; isso é o *introito* da quéda do *titere*, quéda que *nenhuma razão moral explica, nenhuma paixão sublime ou subalterna (?) nenhum amor, nenhum despeito, nenhuma perversão sequer explicam. A moça resvala no lodo SEM VONTADE, sem repulsa, SEM CONSCIENCIA, Bazilio não faz mais do que empuxal-a, como materia inerte que é.*

Nos lupanares de Roma, Eleazar encontra uma *lupa* que se diz chamar Lysisca; o critico sabe depois que essa mulher é a imperatriz Messalina, a esposa de Claudio, que não váe em busca de aureus, porém á procura da saciedade do seu *systema nervoso hyperesthesiado*.

Eleazar não pôde comprehender o typo da imperatriz romana, porque não vê em esses actos de Messalina uma *razão moral*.

Boileau podia lembrar ao critico, e com razão, algumas das palavras que escreveu:

*Avant donc que d'écrire, apprendre à penser.*

Cheguemos, porém, ao marco miliar do folhetim critico; assistamos á collocação de Eça de Queiroz no pelourinho das lettras apontando Eleazar o defeito capital do romance.

«O marido váe chegar, Bazilio está saciado, Juliana, o character mais verdadeiro e completo do livro (por ser uma creada insolente e ladra? o critico não se explica) assenhoreia-se das cartas da ama, e esta, quando tem

sciencia que a creada está armada desses instrumentos, resolve fugir com o primo, prepara um sacco de viagem, mette dentro alguns objectos, entre elles o retrato do marido». Eleazar ignora a *razão physiologica ou psychologica* (porque uma razão pôde ser do dominio da vida e não ser do senhorio da alma e vice-versa, assim nos indúz a crer a conjuncção disjunctiva empregada pelo critico) desta precaução de ternura conjugal. Não comprehendeu Eleazar a irrisão ferina, o sarcasmo fino, o ludibrio pungente do auctor fazendo a mulher, prestes a confirmar pela fuga o macula que a enlamêa, ter sempre comsigo a lembrança viva da victima de seu crime, o marido em retrato.

Não classificarás Eleazar ingenuo? Responderás por mim.

Continúa o critico: «Não se effectúa a fuga, porque o primo não quer complicações; limita-se a offerer dinheiro para reaver as cartas, dinheiro que a *prima recusa*, despede-se e retira-se de Lisbôa. Dali em deante, o *cordel* que move a *alma inerte* de Luiza passa das mãos de Bazilio para as da creada». Luiza é decididamente um *titere*, *nem lhe falta o cordel*, porém o critico diz pouco antes que a moça recuzára o dinheiro que lhe offercera o primo para que houvesse de Juliana as cartas. Perguntaremos si quem assim procede tem ou não alma? Esse *titere* tem ou não algum pundonor? Morre a creada e dias depois a ama; assim termina o romance.

O critico, que é tão perspicaz, ou ainda mais que o leitor, argúe de incongruente a concepção do sr. Eça de Queiroz e de inanime o character de Luiza.

Quaes as razões apresentadas? «Suppõe que as cartas não fôssem descobertas, ou que a creada não tivesse tido a malicia de as procurar, ou, em uma palavra, que tal creada, ou pessoa com ella parecida, não existisse, então estava acabado o romance logo depois que o primo tivesse conquistado a conquistavel prima, porque Bazilio satisfeito ir-se-ia embora, chegaria do Alemtejo o marido, em fim tudo voltava ao antigo estado. Para obviar esse inconveniente, Eça de Queiroz inventa a creada e o episodio das cartas, as ameaças, as humilhações, as angustias, a doença e a morte da heroína.» Si Alexandre Herculano tivesse casado Hermengarda com o gardingo no primeiro capitulo do seu *Monasticon* poderia ter escripto as paginas brilhantes de vida e de luz que terminam com a morte de Eurico e a loucura da irmã do d. Pelaio em Cavadonga? Para que o immortal escriptor portuguez fez de Eurico um presbytero e não o matou logo que o pae

de Hermengarda recuzou-o para noivo de sua filha? Assim teria concluído o seu romance quasi antes de começal-o, escrevendo então um outro livro acompanhando a entrada dos mouros em Hespanha. Si Eleazar, o irmão de Judas Machabeo, não tivesse querido matar o elephante sobre o qual estava Antiochus, para aprisionar o rei da Syria, não teria o valente guerreiro morrido esmagado por esse animal que caía morto; mas que fazer! a fatalidade quiz que Antiochus montasse um elephante quando podia estar a pé para Eleazar não ser esmagado por elle. O critico condemna a invenção das cartas e da creada, como, estamos convencidos, censura A. Herculano, por não ter acabado com Eucuro antes de ser presbytero.

Inanidade de character na heroína! E' porventura inverosimil esse typo? Incontestavelmente, Eleazar sonha Amazonas em todas as mulheres, quer de hoje, quer de outr'ora, e só em esse genero é que comprehende a existencia do que elle chama *vinculo moral*.

Eça de Queiroz, escrevendo o seu romance, assim o entendemos, não intentou dar aos que o lessem ensinamento algum, nem demonstrar these alguma; quiz tão sómente photographar scenas communs da sociedade moderna e esse é o proceder da escola romantica positiva; longe della, o ensinar a moral pelas deducções dos seus romances.

O mais *grave*, o *gravissimo* do romance de Eça de Queiroz, diz o critico, é o tom desse livro, o espectáculo dos ardores, exigencias e perversões physicas com a sua leitura dispartadas, e, por assim dizer, realisadas.

O auctor é arguido por escrever reminiscencias e allusões de um erotismo, que Proudhon chamaria omnissexual e omnimodo, confessando já que Luiza, longe de, ao pensar no esposo, esperar um sentimento superior, calcule os gosos da sensualidade e tenha sómente os «impetos da cubina.»

Vê-se, pois, que, para o critico, Luiza já não é um triste *titere*, como mais de uma vez a classifica; é, como diziamos, uma mulher dominada pela hyperesthesia das papillas nervosas. Si o tom, as reminiscencias, as allusões de algumas paginas do romance de Eça de Queiroz produzem, no entender do critico, um erotismo omnissexual e omnimodo, o que produzirá o seguinte? :

1º Quão formosos são teus pés, em tuas sandalias, ó filha do Principe! os lineamentos das tuas coixas são como grilhões preciosos contornados por mão de habil artista.

2º Teu umbigo é como taça redonda, em que não falta bebida, teu ventre um cumulo de trigo matizado de lirios.

7º Tua estatua é igual á da palmeira e teus peitos verdadeiros cachos de uvas.

8º Dizia eu: subirei na palmeira, pegarei nos seus ramos: e então teus peitos serão como cachos na vide e o cheiro de tuas narinas como o das maçãs.

O que acabo de transcrever são alguns trechos do capitulo VII da celeberrima poesia intitulada: *Cantico dos Canticos*, e seu auctor, o celebre rei Salomão, não pertencia á escola positiva, que parece ser tão erotica para Eleazar, que entretanto dará a Biblia a ler de preferencia aos romances positivos. Incontestavelmente, Salomão foi, como é hoje o romancista portoguez, realista *intenso e completo*, não mitigado, *servindo-se de tons e de tintas tão carregadas que assustam*; entretanto, si Eleazar é catholico, si judeu, deve saber que o *Cantico dos Canticos* faz parte do seu livro sagrado — a Biblia.

Não nos parece que o realismo, iniciado na litteratura portugueza pelo sr. Eça de Queiroz, vá caminho da estrangulação, si não fôr seguido o parecer de Zola, que Eleazar diz ser o chefe da escola, parecer que o proprio chefe menospreza em seus romances: não ser preciso ser grosso o traço para ser exacto: não; o mundo caminha, e si alguém houvesse que aproximadamente escrevesse um romance como o *Monge de Cistér* não seria esse livro tão apreciado como antes, porque já não estaria com a epocha, perfeitamente caracterizada, definida por Henrique Heine nas seguintes palavras:

«Rufa o tambor com braço juvenil e não receies, beija a vivandeira. Eis toda a philosophia, o sentido mais profundo dos livros.»

Não conheço o illustre critico cujo folhetim acabei de analyzar, e muito menos por elle sou conhecido, pois estrangeiro recém-chegado a esta terra hospitaleira a poucos homens de letras conheço; entendo, porém, ser dever meu pedir desculpa ao filho do paiz si critiquei uma critica que pretendeu fazer.

AMENOPHIS-EFFENDI.

(Gazeta, n. 108, anno IV, 24 de abril de 1878)

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

## APANHADOS

*A população do Estado de Minas de Minas, segundo o recenseamento de 1890, era de.....*  
3.184.099 habitantes: — homens, ... 1.627.461; mulheres, 1.556.638.

Em relação ao censo de 1900 — 4.227.400—houve um augmento de 2,5% no decenio. Em 1906, pôde-se dizer, conforme dados officiaes, que ella chega a ser de 4.500.000 habitantes, regulando 8 por kilometro quadrado o algarismo da densidade da população.

Vê-se, portanto, que a população do Estado de Minas é maior que a de algumas republicas sul-americanas: Columbia, 4 milhões; Chile, 3.350.000; Perú, 3 milhões. E' mais ou menos correspondente ao numero de habitantes da Republica Argentina (4.550.000) e do Estado do Ohio (4.558.000); maior que a população dos Estados do Missouri (3.107.000) e Texas (3.049.000). No Brazil, os Estados mais populosos (S. Paulo e Bahia) lhe são muito inferiores no numero de habitantes, pois S. Paulo tem 2.500.000 e a Bahia 2 milhões.

\* \*

*A mais alta ponte do mundo* A nova ponte sobre o rio Zambezi, Africa, é a mais alta do mundo. Atravessa o rio numa distancia de 156 metros. Tem de altura 91 metros acima do nivel do rio e de largura 7 metros.

\* \*

*Os mais compridos cabellos do mundo* Pertencem á mexicana Mercedes Lopez os mais compridos cabellos do mundo. A altura della é de 1 metro, 20, e quando está em pé os seus cabellos arrastam no chão 1 metro, 12. Além de compridos, são de tal modo espessos que ella se pôde esconder completamente dentro delles. Como crescem muito rapidamente, ella vende aos cabelleiros todos os mezes grandes tranças de cabelo.

\* \*

*Conta de bebidas da Allemanha* O dinheiro que se dispende na Allemanha em bebidas é o triplo do que se gasta com o exercito e a armada juntos, e é sete vezes maior que o custo da educação primaria. O povo allemão poderia pagar toda a divida nacional, si desviasse o dinheiro das bebidas para

esse fim, durante um anno e um mez, conforme pacientes estatisticas a que se procedeu ultimamente.

\* \*

*A menor mulher do mundo* A menor mulher que existe actualmente no mundo é a excellentissima senhorita Paulina, hollandeza, de 18 annos de idade e 20 pollegadas de altura. Peza 4 kilos.

\* \*

*O fumo e o cancro na lingua* Um inquerito official verificou ser rarissimo na Jamaica o cancro na lingua e nos labios. No entanto, quasi todos os habitantes, homens e mulheres, fumam abundantemente.

\* \*

*A volta do mundo* Um homem que, sem descanso, andasse noite e dia, gastaria, para fazer a volta ao mundo, 428 dias; um trem expresso, 40 dias; o som, em uma temperatura média, 32 1/2 horas; uma bala de canhão, 21 3/4 horas; a luz, um pouco mais de 1/10 de segundo, e finalmente a electricidade, passando por um fio de cobre, um pouco menos de 1/10 de segundo.

\* \*

*Um romancista inglez no Japão* Um japonês, Nobushiga Amatori, publicou ultimamente a apreciação dos seus compatriotas sobre a obra de Lafcadio Hearn, o grande romancista inglez que, vivendo no Japão, fez conhecer aos inglezes o verdadeiro nippon. Elle penetrou a alma japoneza, e ninguem, mesmo os filhos do Sol Nascente, a traduziria melhor do que elle no *Yuko* e no *Sorriso japonês*. Aquelle que no Oriente se chama Yakumo Kaizumi nunca inventou as historias que contava; ouvia-as das boccas dos peregrinos, dos viajantes e dos creados. Algumas daquellas deliciosas novellas fôram lidas nos jornaes e outras, vistas por elle mesmo, graças ao contacto que mantinha com o seu povo de adopção.

\* \*

*Terras devolutas em Minas* Sem contar a rica e grande região de léste, no valle do rio Doce e seus affluentes, a área das terras devolutas do Estado de Minas sóbe a 843.137.738 metros quadrados, conforme dados da repartição official de terras e colonisação.

*A presidencia da republica nos Estados-Unidos e na França* Por ocasião da escolha para presidente da republica, na França, a *Review of Reviews*, de

New-York, publicou um artigo do sr. Monroe Smith, que compara a presidencia da Republica Franceza com a americana, mostrando que a grande differença entre os chefes dos dois Estados provém do seu modo de eleição, que na America emana do povo, enquanto na França é simplesmente a expressão da vontade do Congresso formado pela reunião do Senado e da Camara.

O articulista vê ahi uma causa da inferioridade real do presidente francez deante do presidente americano, no ponto de vista da auctoridade. O presidente na França não é, com effeito, responsavel sinão deante do parlamento, unicamente; o mesmo não acontece ao presidente *yankee*: elle se torna responsavel perante toda a nação.

Na realidade, diz o sr. Smith, a posição do presidente francez assemelha-se á dum rei num paiz constitucional, reinando sem governar. Elle não tem influencia social pessoal, ou, pelo menos, não pôde exercel-a sinão no conselho de ministros.

\* \*

*A emigração dos chinezes* Na *Revue de Belgique*, Goblet d'Alviella fala do recenseamento de 1890 que contava, nos Estados-Unidos, perto de 100.000 chinezes. 45.000 desses filhos do Imperio Celeste estão na California.

Os chinezes são os melhores creados da America, mas acima de tudo, são extremamente economicos. Todos os seus ordenados vão para a China. Assim, em vinte annos, os bancos transferiram 120 milhões de dollars para o grande imperio dos mongóes.

\* \*

*Influencia da Inglaterra nos Estados-Unidos* O almirante Bridge, na *Nineteenth Century*, de Londres, admira-se da cultura intellectual da terra de Washington, e attribúe esse «magnifico desenvolvimento» á influencia ingleza, que não tem deixado de se exercer, apesar da independencia americana, em todos os ramos, na legislação, na politica, na litteratura, no ensino, na jurisprudencia, em toda a vida publica, afinal. O actor, que se

regosija de ver que nenhuma das qualidades britannicas está diminuida na grande republica norte-americana, estuda o assumpto com grande enthusiasmo.

Esse quadro assim tão laudativo está escripto com tanta ingenuidade que faz pensar que não falta sinão uma coisa á terra *yankee*: abjurar a independencia para voltar a ser colonia, ter a grande delicia de ser dirigida por Eduardo VII. O almirante inglez pensa e está na firme certeza disso, que, nesse ponto, Jonathan ama John Bull...

\* \*

*Questões de raça na Norte-America* Uma peça novamente representada nos Estados-Unidos acabou de trazer para o theatro a questão de raça em toda a sua violencia e levantou as mais vivas coleras e os protestos mais indignados. O rev. Thomas Dixon, no *Clansman*, quiz mostrar a situação difficil e miseravel mesmo dos brancos quando o sul saía das ruinas depois da guerra civil. O traidor é um mulato, Silas Lynch, alferes governador de Carolina do Sul; o heróe pertence ao *Ku Klux Klan*, associação americana que tem como fim, por meio de processos mysteriosos e terrificantes, afastar os negros do escrutinio, impedir-os de ter escolas, reduzil-os, afinal, á sujeição e á dependencia dos brancos.

Ha no drama de Dixon uma scena muito impressionadora na qual os membros do *Ku Klux Klan*, cavalheiros modernos vestidos de grandes mantos, uma cruz vermelha ao peito, á cabeça um capacete enorme, com a figura occulta por um véo branco, hypnotizam um negro, que, na presença daquelles homens exóticos, confessa um crime antigo.

No theatro que tem em scena o *Clansman* os logares reservados aos negros, ficam vasioas todas as noites, porque os outros espectadores impedem os homens de côr de occupar as cadeiras que lhes são destinadas.



*As officinas dos «Annaes», dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.*

**Fragmentos de estudo da historia  
da Assembléa Constituinte  
do Brazil**

—  
XVIII

Na ultima parte do nosso artigo anterior, ficou descripto o inventario da herança que a Constituinte pretendia deixar-nos; de certo, ninguem, por mais optimista que seja, dirá que essa Assembléa é um padrão de glórias nacionaes. Ella tem seus meritos, sua dignidade e honra, attendendo-se ao tempo em que funcionou e as circumstancias do paiz, ainda rude e inculto, rompendo o jugo ferrenho do dominio colonial e sem a experiencia, que os povos tambem adquirem com o suor da propria frente.

Seria, porém,—*chauvinismo*—nol-a apresentar como modelo de sabedoria; esta lhe faltou e, com ella, a experiencia, que é a principal mestra da vida politica do individuo e das nações. Mas, em geral, os historiadores brazileiros, sem examinar os factos, tomados de arroubos de patriotico entusiasmo, imbuidos da crença na superioridade da geração heroica daquella epocha, ensinam, em seus livros, que a Constituinte foi o modelo das nossas assembléas politicas. E', além dum erro, deficiencia de patriotismo, o corromper desta sorte o espirito da mocidade, que não estando preparada por acurados exames, crê que na realidade, os homens de 1823 fôram superiores aos que viveram sob o regimen parlamentar posterior, onde a sciencia rivalizava com o bom senso; o patriotismo, com a eloquencia; a honra com o culto da justiça e o orgulho legitimo da independencia de character.

Nenhum de nós, que veio depois das primeiras gerações successivas das da independencia, escapou do contagio; todos fomos educados no culto da geração de 1823; todos, sem conhecimento dos factos, reputavamos um constituinte superior aos legisladores quer do regimen parlamentar, notavel pelo esplendor dos talentos, pela cultura das letras e sciencias, quer do regimen mesmo do governo presidencial, que herdou os conhecimentos accumulados e transmitidos e vê os resultados da experiencia dos outros povos.

Si negassemos aos que representavam a nação brazileira no parlamento de 1823, as virtudes de que deram sobejas provas, deturparíamos a verdade historica.

Ao contrario, si encarecessemos, exaggerando-lhes a capacidade de legisladores, dizendo á mocidade que esses fôram os unicos representantes da honra, do patriotismo, no concilio nacional, corromperíamos o seu ani-

mo, perverteríamos a consciencia, correríamos o risco de sermos repellidos pelo bom senso e pelas subitas inspirações da justiça. Demais, é um deploravel espectáculo inculir na licção do passado o erro em lugar da verdade historica.

Deixemos aos idolatras o deleite de estacar na contemplação das figuras dos patriarchas; deixemos-lhes a plena liberdade de lançar terriveis e fulminantes anathemas contra a mão que assignou o decreto de 12 de novembro que dissolveu a primeira Assembléa que funcionou no Brazil. Não importa que haja historiadores cuja independencia devemos acatar, sustentando que a Assembléa—*sempre respeitosa*—não merecia o acto de violencia quasi brutal ou despotica.

Todavia, si estudarmos todas as condições da epocha e si attentarmos na situação da monarchia, que pela aclamação geral mantinha e exercia os poderes tradicionaes, não podemos julgar a dissolução da Constituinte sob o mesmo ponto de vista. Foi um grande erro, ou foi uma medida de salvação?—*Lis sub judice*.

Os nossos historiadores, compartilhando das paixões que procrearam os acontecimentos de 7 de abril de 1831, ainda levados de preconceitos, procuram justificar a Constituinte e não lhe notam faltas e erros. Ao contrario, attribuem-n'os exclusivamente ao Imperador, que elles responsabilizam perante a posteridade. Ha grande dóse de injustiça nesse julgamento: as faltas e erros são communs, e a maior parte provém das circumstancias da epocha e principalmente da politica do ministerio, tão inexperiente e incapaz como a Constituinte.

Não desconhecemos que a Assembléa foi *sempre respeitosa*; nem ouzamos desdenhar desta razão, que não deixa de ter valor na apreciação dos factos. Ella poderia prevalecer, por si só, si não houvesse outras que induzissem o Imperador a tomar a violenta resolução que executou no dia 12 de novembro.

Não era unicamente o respeito que contentava a magestade imperial. Esse respeito não tem nenhuma importancia no meneio do governo constitucional; não prova coisa alguma. E' um dever peculiar, que todos os poderes observam desde que funcionam conjunctamente; ao contrario, a falta de respeito perturbará as relações reciprocas e impossibilitará, quer o exercicio das funcções da Camara, quer a acção das prerogativas da Côrta em administrar o paiz. Resulta dahi que essa razão não justifica a Camara, e, *a contrario sensu*, não acuzo o Imperador.

Diversos fôram os motivos da dissolução da Constituinte, alguns dos

quaes parecem, todavia, envoltos nas dobras do véo mysterioso que cobre muitas vezes, as deliberações dos governos, mórmente naquella epocha, em que o poder não soffria a fiscalisação da opinião publica e muito menos descia a executal-a e seguir-lhe os dictames; naquella epocha, em que o ministro José Bonifacio se ostentava fundador da Independencia e instituidor do regimen da liberdade constitucional, governando, porém, com todos os meios, devassas e processos inventados pelas cruezas do absolutismo. Em tal cahos, difficil, sinão impossivel, é ver transluzir a verdade.

A Constituinte, em 4 de maio, começou contestando ao Imperador o direito de acceitar e approvar a Constituição. Sustentava que aos representantes da nação, exclusivamente, cabia avaliar do merito da lei fundamental. Na formação de tal lei que por sua essencia, é um pacto, entre a realza, que governa, e o povo, que é governado, e por conseguinte implica um accordo de duas entidades, a Constituinte não obra de intelligencia e de combinação com o imperante; deixa-o de parte e, por desgraça, à realza é representada na Camara por um ministerio nullo, sem comprehensão do grande problema que se tratava de resolver. Ora, si José Bonifacio fôsse um estadista, ou um politico previdente, haveria dirigido a Camara de tal modo que nunca teria sido materia de discussão as palavras do Imperador: «*Constituição digna de mim.*» Mas o naturalista, preocupado com alguma definição mineralogica, de feito não enxergava o presente quanto mais prever o futuro.

Ao desconfianças fôram accentuadas nos debates da Camara. Um deputado levou a audacia a dizer: «*Confiamos tudo do Imperador, porque elle não confia em nós; tem um povo que o acclama imperador e ainda não está satisfeito; o que mais quer? Acabemos com taes desconfianças; seja uma só a voz do governo e da nação.*»

Estas palavras pareceram, á primeira vista, oucas; são, porém, expressão fidelissima das incertezas da situação e os factos anteriores explicam-nas e lhes dão plena significação. Quando o ministro José Bonifacio, por portaria de outubro de 1822, ordenou que se abrisse devassa geral por todas as provincias de norte a sul do Imperio, e só na Côrte prendeu cerca de 400 pessoas, entre ellas o coronel Costa Barros, deputado eleito do Ceará, os brigadeiros Moniz Barreto e Coutinho de Nobrega; mandou incluir na devassa os nomes de José Clemente, do deputado Gonçalves Lédo; metter nos carceres, ou deportar jornalistas; consentir ou ordenar que os jornaes do Governo não só

atacassem os individuos, como combatessem todas aspirações e idéas liberaes; desde que expediu portarias ao intendente geral da policia para obrar com a *lei marcial* e ter vigias seguros e bem pagos; desde que empregou a vilgilancia e espionagem traíçoeira, como meio de governo, recomendando ao capitão-mór de Itú espionar o deputado Feijó, ordenando a policia que devassasse o lar domestico, violasse o segredo das cartas, estrugiu um rumor geral, levantando nas almas terror, incutindo-lhes desconfianças contra d. Pedro e, de norte ao sul, se acreditou que elle pretendia restaurar a monarchia de direito divino e continuar a governar, como senhor absoluto. Tudo isso era o resultado da politica do ministerio, cujos actos eram de natureza tal que confirmavam as desconfianças que até fôram objectos de discussão no recinto da Constituinte e creavam uma especie de terrorismo, que perdurou até que José Bonifacio foi expulso do gabinete, a 17 de julho e, depois deste vergonhoso desastre, conservou-se mudo e quedo, assistindo, como um espectro, ás sessões parlamentares.

E como a desconfiança não se embeberia nos espiritos apavorados, quando a imprensa do governo preconizava as praticas e o regimen absoluto de tal maneira que obrigou um deputado a propor á Constituinte que se procedesse contra a mesma imprensa?

Quando outros representantes se manifestaram coactos e não podiam votar livremente, porque o ministerio mandava a sua imprensa insultar e qualificar de demagogos e desorganizadores, máus cidadãos, a todos os que votavam pelo perdão e pela amnistia?

Até a demissão de José Bonifacio, a Assembléa não perdeu nenhuma occasião de estorregar a susceptibilidade do Imperador. Ella propões projectos de perdão geral, de amnistia, de liberdade de imprensa, de revogação de leis caras á realza; indaga e discute os motivos porque jazem innumeros presos nos carceres da Ilha das Cobras, da Lage ou em Pernambuco; faz questão sobre os soldados luzitanos, que o Imperador mandou incorporar ao exercito; contesta ao Imperador o direito de nomear os deputados ministros, ou intendente de policia, ou negociador em Londres, como succedeu com o marquez de Barbacena, etc.

Por seu lado, os *proximos parentes* do gabinete, como que denunciavam ao Imperador o proposito da Assembléa em contrariar-o. Quando se trataram dos projectos de leis de amnistia e de perdão, Antonio Carlos esforçou-se em demonstrar que pertencia — só — ao Imperador conceder amnistia

e perdão e, por consequente, que taes projectos invadiam as attribuições de s. magestade. Em muitos outros casos, Antonio Carlos punha em saliente e vivo relevo uma contenda entre a Côroa e a Camara, chegando a exclamar—si o Imperador resistir qual será o resultado?

D. Pedro estava de opinião feita. Sabia que a Constituinte era um trambolho, que o embarçaria. Não podia portanto desejar conservá-la. Daqui a pouco, verificaremos um facto, que ainda mais avigorou a prevenção de d. Pedro contra a Constituinte.

Ora, dado e conhecido o temperamento e paixão insoffrida de d. Pedro pelo exercicio do poder absoluto, era natural a sua secreta prevenção e intima e dissimulada colera contra a Assembléa, que lhe oppunha repetidos obices contra o ministerio, que, por visivel ineptia, não sabia prevenir as difficuldades nem acantelar que se formasse tal situação. D. Pedro viu, apalpou e verificou o mal, que lhe havia creado o governo das devassas e perseguições e, com a intuição instinctiva, de que era dotado, presentiu que o systema de José Bonifacio lhe arrancaria da alma nacional a popularidade e o enthusiasmo, que elle tanto amava. O Imperador pensou—que si a malaventurada politica do gabinete o desacreditava, a Constituinte concorrendo para o mesmo fim, era cumplice e por consequencia tambem responsavel. A exactidão desse juizo evidenciou-se quando a Assembléa se tornou instrumento dos Andradas na questão do boticario David Pamplona.

Por estes motivos e outros, que omittimos, é fóra de duvida que o Imperante andava aborrecido com o ministerio e com a Assembléa. Inesperadamente, demitte os Andradas e organiza o gabinete de 17 de julho, o qual era composto de homens moderados, que não tinham a insania de *macaquear* o duque cardeal de Richieu nem o marquez de Pombal. Entre os novos conselheiros da côroa, sobresaíam dois membros da Constituinte—Carneiro de Campos (marquez de Caravellas), e Nogueira da Gama (marquez de Baependy).

Na Assembléa Constituinte, contestou-se o direito, que se arrogou, o Imperador, de nomear deputados para o cargo de ministros de Estado. Quanto a Camara estava atrazada e ignorava o meneio do governo representativo! Veremos que Araujo Vianna (marquez de Sapucahy) tornou-se orgão das paixões da ignara maioria.

D. Pedro não se deu por achado e sustentou e manteve o novo gabinete, que começou a governar o Imperio. Uma vez que estudamos a historia das idéas e dos actos da Assembléa, vem a pelo dizer de que maneira ella julgou a

nomeação de dois deputados para exercer o ministerio.

Em 18 de julho, recebeu a communição, que sujeita á commissão de Constituição, esta, pelo orgão de Pereira da Cunha, disse—1º que a commissão entrou em duvida si o Governo podia escolher para o ministerio os membros da Assembléa—2º si, accetando elles os ditos empregos, devem, ou não continuar a servir conjunctamente um e outro, ou si o logar e exercicio de ministro de Estado exclúe o de deputado, deve este ser suprimido pelo respectivo supplente e si esta substituição é perpetua, ou temporaria, emquanto se não procede a uma nova eleição por sua respectiva provincia. A commissão conclúe—que s. magestade póde escolher ministros entre os deputados; e que os logares ficam vagos accetando os deputados as pastas ministeriaes e deverão ser substituidos pelos supplentes; e que, sendo temporaria a vagnatura, se procederá a nova eleição podendo ser reeleitos.

Eis ahi o parecer da commissão, cujos fundamentos não merecem exame; são arbitrarios; não se firmam em preceitos constitucinaes, porque ainda não tinhamos Constituição; não são deduzidos dos principios geraes da sciencia politica, nem dos uzos dos governos representativos e parlamentares, como o da Inglaterra, cujos ministros saem do parlamento, onde são escolhidos e, por assim dizer, o representam no conselho da Corôa, como uma commissão da maioria parlamentar, conforme opinam os mais competentes publicistas e homens do Estado. E' porque nesse regimen, embora a divisão dos poderes, o executivo e legislativo identificam-se, porque tem a mesma missão—governar o Estado.

A vista deste parecer limitativo, a Assembléa—ou pela *vis adulandi*, ou temendo contrariar o Imperador, com a certeza de que os nomeados seriam ministros, qualquer que fôsse a opinião opposta, decidiu—que o Imperador podia nomear deputados ministros; que estes não perderiam as cadeiras no parlamento e continuavam a exercer o mandato legislativo. (1)

O parecer, assignado por Antonio Carlos, Pereira da Cunha, Pedro de Araujo Lima e José Bonifacio, revela que a Camara quer fazer a vontade ao Imperador, conservando aos ministros as cadeiras parlamentares; sem duvida, alguns deputados já lobrigavam no horizonte os signaes precursores de procella.

Porque foi demittido o gabinete de 16 de janeiro, que dirigiu os movimentos da Independencia, da proclamação do Imperio e foi o orgão da convocação da Assembléa Constituinte, atra-

vessando estas crises, quiçá as mais graves naquella quadra?

Ninguém perguntou nem explicou. O proprio Antonio Carlos, tão versado nos precedentes, uzos e praxes constitucionaes da Inglaterra, e tão familiar com os actos e pensamentos dos eminentes estadistas e parlamentares, que illustram a casa dos Commons da Grã-Bretanha, conservou-se profundamente silencioso.

Murmuraram-se varios motivos, porém officialmente não consta nenhum. Os ministros demittidos emmudeceram. Os ministros novos não se julgavam obrigados a dizer a razão por que fôram incumbidos da administração do Estado. A Camara, em sua reconhecida inexperiencia, ignorando ter o direito de saber com que condições o novo governo seria exercido, si continuaria a politica de perseguições e devassas, ou si tentaria realizar a obra da prosperidade publica e da fundação da liberdade constitucional, conforme os ardentes anhelos do paiz inteiro.

A Camara não tinha idéas, ordem nem systema, ao passo que se mostra condescendente, reconhecendo ao Imperante o direito de escolher e nomear deputados ministros, acceita e vota o projecto de incompatibilidade de Araujo Vianna, em poucos dias, (21 de julho) prohibindo aos deputados acceitarem e servirem qualquer emprego.

O Imperador notou, nesse acto, mais um novo obice que lhe levantava a Constituinte; um proposito de traçar limites á sua prerogativa, limites que o impediam de saciar a sua ardorosa paixão pelo exercicio do poder absoluto e irresponsavel.

Já a Constituinte estava julgada por elle e não lhe merecia attenção. Elle a observava de soslaio, esperando a hora imprevista, em que pudesse nulificar-a com assentimento da população, prompta a applaudir actos de de energia.

Essa hora soára. A Camara, por fatalidade, dirigida pelos Andradas, que reputavam azada a occasião de uma represalia, acceita a questão do boticario David Pamplona como do mais vital interesse da liberdade e da honra nacional. Nesse campo de combate, o Imperador, sem esforço, esmagou os pygmeus com applauso da nação, que já considerava a Constituinte incapaz de tratar e pôr em bom caminho a causa publica e de manter os direitos que todos ambicionavam gozar.

No momento opportuno, desse facto, com todas as circumstancias anteriores e posteriores, falaremos.

Depois da demissão do gabinete Andrada e apresentação do projecto da Constituição (2), manifestou-se alguma actividade entre os legisladores,

incumbidos da organização do paiz: esta actividade veio ainda mais provar a incapacidade da Camara, que estava agóra collocada em posição asperrima, mal vista do poder supremo imperial; desacreditada perante a opinião nacional.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Diario da Camara*, vol. I, pag. 109 e 110. sessão de julho.

(2) O povo escarnecia do projecto da Constituição, denominando — o *da farinha de mandioca*.

## A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

A recente chegada a S. Paulo dos officiaes francezes contractados pelo governo do Estado para instruir militarmente a sua força policial, veio em bôa hora renovar a repetida campanha contra o estado de lastimavel abandono das nossas forças armadas.

Certamente, o movimento ora iniciado terá a sorte dos demais. Passada a lembrança dos motivos determinantes da sua erupção, com ella desaparecerá a convicção da opporrtunidade e urgencia do completo restabelecimento do nosso poderio militar, continuando as coisas como dantes em progressiva e célere marcha decadente, até que um providencial desastre anniquille o reduzido nucleo armado existente — arremedo imperfeitissimo de exercito permanente — para então nos apercebermos do caminho errado por onde temos trilhado, na esperança, talvez, de milagrosas intervenções, a nosso favor, no momento do desespero.

Os poderes publicos, os responsaveis directos e indirectos pela nossa defeza militar, não devem cruzar os braços indifferentes ante a série assustadora de acontecimentos que, dentro e fóra do paiz, se avolumam prenunciadores de dias bem aziagos para a Patria, abatida e criminosamente desarmada.

A marinha nacional — bem ou mal — parece iniciada em um periodo de resurgimento effectivo e proficuo do seu poder. Anima-nos a confiança de que, mantida a firmeza adoptada presentemente, em breve tempo estará em condições seguras de prestar reaes serviços ao paiz na satisfação de grande parte das exigencias da defeza nacional, pelo lado da sua extensa fronteira maritima.

O exercito nacional, entretanto, tão necessario e, talvez, de acção mais decisiva em face dos inimigos prova-veis, permanece, sem esperanças de uma alteração radical, no *statu-quo* de uma indifferença condemnavel, completamente alheiado da sua missão.

As palavras insuspeitas e, por desgraça nossa, altamente verdadeiras, do actual gestor dos negocios da guerra e de seu antecessor, o marechal Mallet, nos seus relatorios annuaes, nenhuma duvida pôdem deixar no espirito publico, ainda entre os mais optimistas, da inefficacia do exercito ante uma aggressão estrangeira.

As suas tentativas para conjurar ou, ao menos, remediar desde logo o mal com a apresentação de projectos completos de reorganização que, embôra accusados de senões, viriam incontestavelmente melhorar de muito a má situação em que nos achamos, teem sido atirado ao esquecimento como peças fundadas na falta de outro assumpto aproveitavel para lhes occupar a actividade.

O Congresso Nacional, aggrupamento improductivo, de vontades servilmente obedientes á vóz omnipotente dos olygarchas estadoaes, tem afastado das suas locubrações, como coisas secundarias, de somenos importancia, tudo quanto interessa á defeza material do paiz. A falta de independencia de seus membros; a ignorancia absoluta das necessidades reaes e inadiaveis do paiz, quer em relação aos negocios internos, quer aos decorrentes do convivio internacional; a incapacidade comprovada da maioria; e, finalmente, a constante preocupação das questiunculas politicas dos seus excelsos senhores, justificam de sobejo a sua surdez, o menosprezo pelo bem geral da sua patria.

A essa aggremação cabe, em parte notavel, o adiamento indefinido da resolução do problema militar, pela falta de interesse ligado aos reiterados reclamos do poder executivo; e, principalmente, essa censura assenta com mais forte razão nos representantes militares — já em numero consideravel — os quaes, conhecedores como são da urgencia e importancia capital da questão, poderiam conceder-lhe alguns momentos da sua actividade, ao menos, para deixar bem clara no espirito dos seus collegas leigos, a necessidade da immediata reorganização do exercito.

Para esse grupo, notadamente, voltam-se as queixas do exercito, abatido, porque uns — o maior numero — por completo desinteresse e esquecimento da sua classe; outros, pela reconhecida incapacidade intellectual; e, outros, emfim, por inveterada indolencia — nada, absolutamente nada, fizeram até agóra em beneficio geral dos seus camaradas.

Todos os projectos emittidos ou patrocinados com interesse por essa gente, trazem sempre, no fundo, o proposito de servir a dado afilhado ou grupo de

aflhados, e por mais que o disfarcem sob a capa mentirosa da generalidade, mal escondem o intuito particular do seu destino.

Só projectos desse quilate encontram franco apoio; só estes teem direito a pareceres, discussões e votações; todos os mais, como os projectos Mallet e Argollo, servem unicamente de motivo de troça, como peças exóticas, fructos enfezados de cerebros incapazes e desoccupados. E taes são as accusações vociferadas contra elles que acabam por convencer aos seus collegas da imprestabilidade dessas reformas sem, entretanto, das suas portentosas cerebrações saír coisa alguma que as substitúa, para peor ou para melhor.

Não são esses, naturalmente, os unicos responsaveis; longe do nosso pensamento descançarmos sobre os seus estreitos hombros todo o pezo do mal que nos assoberba, mas não é injustiça de nossa parte apontal-os como os mais responsaveis.

Parte da culpa cabe a nós mesmos, os homens da profissão. Os nossos altos chefes militares — generaes e commandantes — são passíveis de identicas accusações, nos limites das suas attribuições. Em geral, gente já cansada, destituida da necessaria actividade, apegados aos moldes rotineiros e estreitos da epocha em que nasceram, sem que, depois da ascensão aos postos de responsabilidade acontecimento algum os distraísse das corriqueiras preoccupações de simples character administrativo, essa gente, repetimos, constitúe poderosa força negativa contra o revigoroamento do exercito.

Devemos, porém, tirar desse amontoado de retrogrados alguns que têm por cartilha opposta: uma meia duzia entre os generaes — Mallet, Argollo, Hermes, Mendes de Moraes e mais uns dois ou tres, capazes — do que teem dado eloquentes provas — de assimilarem as idéas novas e de se colloarem na altura da grandeza das suas graduações.

Entre os coroneis e tenente-coroneis, aponta-se tambem gente capaz de desempenhar cabalmente o seu papel actual e de mais tarde bem preencherem os elevados encargos do generalato. Mas, por infelicidade nossa, o numero dos *sem-valor* é immensamente grande, e por isso quando algum dos habeis e competentes propõe ou faz propaganda de um melhoramento real, rebellam-se aquelles, e sob o pezo formidavel da sua ignorancia sepultam immediatamente as idéas progressistas aventadas. E si não conseguem uma prompta destruição, tanta critica maldosa lançam sobre ellas, tantos entraves oppõem á sua fiel traducção pratica que, afinal, com

mais vagar, alcançam a sua obra demolidora transformando os bons resultados de uma medida salutar em fonte de perniciosas consequencias.

Já é tempo, porém, de estirpar por completo esta série de males, cuja permanencia redundará no total aniquillamento do exercito.

A epocha que atravessamos não justifica com os factos o abandono das forças armadas de uma nação. Aquellas que a deixarem enveredar por esse caminho preparam a sua propria ruina.

Cumpre, pois, sem vacillações, sem delongas prejudiciaes, e ainda á custa de sacrificios pessoas e materiaes, reformar sob todos os aspectos esse conjuncto desconnexo, informe, que, sob a falsa qualificação de *exercito* mantemos com o fito exclusivo de guardar edificios publicos, fazer funeraes, paradas apparatusas e guarnecer bonds e carroças por occasião das grandes gréves.

TENENTE MAX.



O ALMIRANTE (78)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVI

Terminado o chá, o conselheiro, com os olhos toldados de pezar, deixou a sala, frouxamente illuminada, como si procurasse a esposa e Hortencia, duas pessôas queridas ausentes, deixando incompleto o quadro encantador da familia que, todas as noites reunida, alli velava os seus primeiros coxilos. Os acontecimentos se tinham precipitado com a surpresa de uma catastrophe que elle não pudera evitar, transformando subitamente o scenario e a curta perspectiva do epilogo de sua vida prolongada ao alento affectivo daquellas creaturas amadas. Elle não se habituára ainda á impressão dessa alteração inesperada, se abrigava num silencio resignado suffocando um protesto, talvez unico de toda a sua vida conjugal, contra a deliberação de d. Eugenia, suggestionada por um capricho de ternura maternal da marquezia. A sua docilidade aos factos consumados se rebellava insistentemente contra aquella situação absurda, irremediavel, cujas consequencias elle não ousava deduzir, como quem fecha os olhos na imminencia de um perigo, evitando accetar a solução mais vantajosa, mais natural — a morte de Oscar.

E se lhe figurava o espectaculo horrivel do regresso da filha ao lar, envolta nos crepes da viuvez sem tha-

lamo, maculada pelos inexoraveis conceitos da maledicencia, como personagem de uma cruel farça da ambição, sob pretextos de generosa piedade.

Elle estremecia á idéa de se encontrar sob a pressão esmagadora de imputações indefensaveis, na situação de não se poder abrigar numa justificação plena, elle, o homem impolluto em cuja consciencia sómente pezava a fraqueza da adhesão ao governo republicano, peccado diluido na grande massa de cumplices. Alli mesmo, naquella momento, o olhar das filhas parecia encobrir recriminações pungentes no arminho dos carinhos suavissimos. Ellas o contemplavam compassivas, não ousando aventurar palavras de consolação, de conforto, para lhe não avivar a tortura moral, cuja intensidade comprehendiam e ponderavam com precisão. Por sua vez, elle não tinha coragem de lhes pedir, com a confidencia do seu atribulado estado d'alma, assistencia e conforto.

—Ai, filhas—suspirou elle, depois de prolongado silencio—a vida é uma incoherente urdidura do imprevisito. Quando poderíamos prever o que tem succedido nestes ultimos dias! Parece que por esta casa passou um sopro de morte...

Amelia e Laura se entreolharam traspassadas por uma intensa impressão de tristeza.

—Quem diria que estivessemos hoje aqui compungidos como num lar enlutado, abandonado para sempre pelas creaturas queridas? Eu não me posso habituar á ausencia de Eugenia...

—E de Hortencia... —aventurou Laura, interrompida por um fulminante olhar de censura de Amelia.

—De Hortencia—repetiu o conselheiro, com a vóz estertorando na garganta, obstruida por um aperto de commoção—Da nossa querida Hortencia...

E como as filhas não replicassem, elle ficou meditando, agitando a espáços a cabeça e fazendo gestos que signalavam o grande esforço mental para se conter, para não desafogar revelando a grande lucta que o extenuava.

—Porque não váes repouzar? —disse-lhe Amelia, compadecida — O somno é um lenitivo.

—Ai! filha, si eu pudesse...

—Experimenta — proseguiu ella — Vamos. O teu gabinete te espera. Procura distração nos teus livros, respondendo estas cartas. Eu e Laura estaremos contigo,

—Tens razão, meu amor.

Laura apertou o pae nos braços beijando-o na frente e o foi guiando animado pela terna caricia até o gabinete, que Amelia illuminára.

## CAPITULO XXVII

Oscar esteve entre a vida e a morte durante oito dias. A esperança fulgiu em tenue bruxoleio e esmorecia tenue e vacillante, revivia mais tarde para enfraquecer successivamente, ameaçando o proximo desenlace da lucta entre a vida e a morte. Por fim, as melhoras se accentuaram; as forças do enfermo se reergueram lentamente, á proporção que a terrivel ferida entrava em franca cicatrização.

A marquezia exultava numa inquietação de alegria infantil, ía frequentemente ao aposento do enfermo; recebia as pessoas que a procuravam, dava-lhes a feliz nova e a confirmação dos seus presentimentos, muito satisfeita por jámais ter desconfiado do restabelecimento do adorado doente.

Nessa excitação commovedora, ella não percebera o effeito de successo sobre as pessoas que a cercavam; não reparára na algidez de Hortencia, preza pelo dever ao seu posto, desfigurada pelas vigílias, pelo esforço de assistir a todas as phases da molestia, as approximações e os recursos da esperança, os primeiros traços indecisos da saúde; foi assim que viu, com secreto terror, se accentuarem victoriosos, consolidando o inquebrantavel vinculo de toda a sua existencia áquelle homem. Não lhe attraía tambem a attenção não ser a sua ventura partilhada por d. Eugenia, nem pelo conselheiro, como si o restabelecimento de Oscar fôsse para elles um facto vulgar, sem o interesse que deveria despertar a sua posição de sogro e sogra.

O padre Paulo exigia para si, para a sua iniciativa caridosa e o seu ministerio, grande parte na victoria. Elle fôra o instrumento da graça de Deus, que operára o milagre para não asphyxiar no nascedouro uma familia christã, reconhecida a tão extraordinario beneficio da misericordia divina.

— V ex.—dizia elle á marquezia— deve agradecer a Deus, volvendo aos habitos piedosos da educação que recebeu. Não bastam as boas obras, a generosidade do seu adoravel coração, manifestado em beneficios a tantos pobres; é indispensavel approximar-se da igreja, dos sacramentos que salvaram Oscar, quasi abandonado pela sciencia que faz o orgulho da fraqueza humana.

A marquezia ouvia attentamente as exhortações do padre que era um velho amigo da familia; ouvia sem se commover, porque todo o seu coração desbordava de alegria. Ella pensaria em Deus depois; estava ainda inteiramente entregue ao doce alvoroço de ver reflorescer lentamente a saúde de Oscar, voltava-lhe o brilho aos olhos,

o sangue ás faces emmagrecidas, o sorriso sadió aos labios, ainda contrahidos num geito de angustia.

(Continúa)

## A MORTE DE SILVA JARDIM

A proposito da última erupção do Vesuvio, o consul brasileiro Carneiro de Mendonça conta, numa carta ao sr. Alcindo Guanabara, como Silva Jardim se afundou na cratera.

Não temos espaço para publicar integralmente essa brilhante carta; mas os pontos essenciaes são os seguintes:

«Ahi, (o auctor refere-se ao arrabalde de Posilippo) em meio da palestra, disse-mos-lhe (allude ao sr. Americo de Campos, então consul em Napoles) que iriamos no dia seguinte visitar Pompéa e fazer a ascensão do Vesuvio. Americo de Campos advertiu-nos que era um perigo a subida ao vulcão; que o observatorio publicára naquella dia mesmo um aviso de que a ascensão ao Vesuvio não era, daquella data em diante, isenta de risco, pois que se annunciava uma verdadeira erupção, coisa que não se dava havia treze annos. O Jardim e eu não ligámos grande importancia ao aviso. Em verdade, direi que no Jardim havia ausencia completa desse sentimento que se chama o medo, facto exuberantemente provado em mais de uma occasião, e de que elle não tinha, aliás, a menor consciencia; quanto a mim, declaro á puridade e abertamente, meu caro Alcindo, que naquella epocha, dotado de um organismo de raro vigor e gozando de invejavel saúde — muito diversa, ai de mim! do que hoje sou, arruinado physicamente pelas peregrinações, por dever de officio, em logares inhospitos — não fazia egualmente bem uma idéa do que era aquelle sentimento. Recolhem-nos, pois, muito tranquillos ao hotel, onde, muito de industria, na obsessão do magnifico espectáculo que seria uma erupção do Vesuvio, tomámos um amplo aposento cujas janellas davam para a famosa montanha, afim de tel-a sempre em vista, para o caso de uma subitanea e inesperada actividade do vulcão. Estavamos decididos a subir.

Dormimos. No dia seguinte acordei mal disposto e com muito pouca vontade de fazer aquelle passeio; mas o jardim insistiu e dispuz-me a partir para não contrariar-o. Emquanto nos vestiamos, o Jardim contou-me que pouco tinha dormido, agitado e flagellado por terrivel pesadelo, em que só via abysmos, cavernas, despenhadeiros, fogo; e accrescentou: «Emquanto isso me acontecia, levei muito tempo sentado na cama a admirar á placidez com que dormias.»

Consultei o relógio e verifiquei que

haviámos perdido o trem, o unico trem que dizia haver de manhã para aquellas bandas, e isso com grande gaudio meu; pois não me sentia disposto a affrontar o terrivel calor daquelle dia em uma subida ao Vesuvio. Mas o Jardim, com a idéa fixa da subida, não sei por que diabo veio a saber que havia um outro trem e insistiu que si andassemos depressa conseguiriamos talvez apanhal-o.

Foi o que fizemos. Saltamos em um carro cujo cocheiro teve de faltar aspilecas para chegarmos á estação a tempo sómente de saltar para o trem já em movimento. Chegámos a Pompéa por volta de 8 horas da manhã e gastámos todo o dia em percorrel-a, esquadrinhando-a, admirando-lhe minuciosamente as bellezas, e guardo ainda a impressão da casa de Marcus Lucrecius, o maior opulento da velha *urbis* destruida, e da idéa nitida de conforto que já patenteava naquella epocha o interior desse palacio.

Às 4 horas da tarde, finalmente, puzemos-nos em caminho para o Vesuvio, montados em duas pilecas completamente na espinha, que a muito custo nos levaram até um terço do caminho, mais ou menos a meio kilometro de Boros Frecase, subindo dahi a pé por um trilho em *zig-zag*, muito íngreme, feito de lava endurecida britada, até á parte firme da cratera. Fizemo-nos acompanhar por um rapazito de 18 annos para nos tomar conta dos animaes; e este rapazito, uma vez chegado lá, entendeu subir tambem; pela curiosidade de ir a um logar onde nunca fôra. Era a primeira vez que subia.

Foi o unico que subiu connosco. Essa historia de guias, cadeirinha, etc., que por ahi circula, é inteiramente falsa. E' verdade que encontramos a meio caminho uns tantos homens armados de páus ferrados e cordas, de que se servem para guindar morro acima os *alpinistas* que não teem confiança nas proprias pernas, e que nos offereceram os seus serviços; mas nós dispensámo-los de bom grado. Fomos sós com o rapazito.

Chegados á cratera, encontramos na parte endurecida e esfriada um nicho de blocos de lava, onde um velho italiano, de cerca de setenta annos, vendia refrescos e ahi nos sentámos para descansar da penosa ascensão. Ficámos alguns momentos a gozar do espectáculo indescrível que se nos offerecia de perto; ainda que eu fizesse ver ao Jardim que a nossa estada allí já não era sem risco, porque eu estava convencido de que mais dias menos dia, mais hora menos hora, a erupção se daria violentamente, como se deu e como se está dando agora. A quarenta metros de nós, daquella formidavel cha-

miné de trinta metros de diametro, grossas columnas de fumo, muito negro e muito espesso, saíam com enorme fragor, levadas para o lado oposto em que estavamos pelo vento, que soprava rijo; de minuto a minuto, o denso nevoeiro formado pelos turbilhões de fumaça abria-se ao nível da cratera, fazia um claro de fogo e massas de lava fundida derramavam-se, transbordando, pela encosta do morro, para o lado onde era levada a fumaça.

De repente, Jardim, que, como vês, não se demorava muito tempo parado, disse:

— Vamos ver aquillo lá dentro. E num instante, teremos visto o que nunca ninguém viu.

— Pois vá lá.

E seguimos a passos acelerados para a cratera, apesar de enterrarmos os sapatos em massa sulphurosa e bastante quente. Abeirámo-nos da bocca fumegante do vulcão e vimos realmente o que ninguém não viu nunca. Mas nesse instante também manifestou-se o periodo critico da erupção; o sólo foi todo sacudido em um convulso tremor e eu, voltando-me para Jardim, disse-lhe:

— Estamos mortos, *seu* Silva, recua!

— E' verdade... respondeu-me.

E recuavamos, quando o sólo fendeu-se por detrás dos seus pés e o pedaço desagregado desabou para dentro, arrastando o meu pobre amigo. Jardim levou as mãos aos ouvidos, conservando o guarda-sol nas mãos e desapareceu sem um grito, uma palavra, uma manifestação qualquer de medo ou de dôr.

Entre o cair na cratera e ser fundido até os ossos deve ter medeado cerca de meio minuto. Eram, mais ou menos, sete horas e um quarto da tarde, pelo meu relógio, que eu consultára pouco antes.

A mim, que me achava em lugar mais perigoso, por mais elevado e portanto de maior pezo, succedeu que a parte rachada pela fenda que se rasgára entre as minhas pernas abertas pelo movimento de recuo, movimento que me foi de vantagem, não desmoronou logo e me deu tempo a tentar salvar-me, ainda que sem esperança. Conseguí sair da fenda e quando, de gatinhas, me levantava para fugir, uma forte sacudidela no pulso direito fez-me cair de novo: era o rapazito que passava a correr e que fizera aquillo na intenção de ajudar-me, arrastando-me, e que, entretanto, me podia ter matado, fazendo-me retardar a fuga para logar fóra de perigo.

O rapazito, que estava alguns metros atrás do Jardim, ficára, no primeiro momento, como que petrificado com o susto; mas voltando, em vez de

correr para trás em linha recta, meia distancia para o ponto firme, voltou, por acaso, pelo mesmo caminho que tinhamos percorrido.

Quando cheguei ao nicho do velho, a salvo, apenas tive tempo de me voltar para ver desabar para a cratera todo o terreno em derredor 15 metros do logar onde tinha caído.

Pódes crer, meu caro Alcindo, que conservei em todo este desastre a mais completa calma, não tendo logo a certeza da morte do Jardim, porque, havendo elle caído ao mesmo tempo que eu, pensei que lhe tivesse succedido o mesmo que a mim. Fui desilludido pelo velho italiano — um typo muito alto, muito magro e de barba toda raspada — que me disse com a maior frieza e serenidade deste mundo, como si nada houvesse acontecido de maior: — Vi tudo. O outro já virou lava e pensei que o senhor também tivesse ficado lá dentro.

Facilmente, meu caro amigo, imaginarás a minha dôr.

Ha, entretanto, em toda esta dolorosa historia um ponto que é preciso que fique bem claro, de uma vez para sempre.

Por innumeras vezes, tem-me chegado aos ouvidos a tresloucada supposição de muita gente, que attribue a morte de Silva Jardim a um suicidio. Nada mais falso, nada mais desarrazoado neste mundo. Posso-te garantir, meu caro amigo, com a mais plena e absoluta certeza, dada pela mais intima, constante e expansiva convivencia, que nunca essa insanidade passou pela cabeça de Jardim. Ao contrario, nunca desejou tanto viver. Em optimas condições de corpo e de espirito, a estadia de Jardim no velho mundo tinha produzido nelle o effeito de transformação que você muito e melhor do que eu conhece e que sóe dar-se com todos os homens capazes de ver e observar e que aprendem em uma viagem mais do que nos melhores livros do mundo, verificando de *visu* os erros do que leu, polindo o seu criterio, revigorando a sua vontade, aparelhando-se para lutar melhor e melhor vencer.

E Silva Jardim não desejava outra coisa sinão justamente viver e vencer.

Era um forte e um audaz, e foi justamente essa audacia que tão desastrosamente o victimou.

#### CARNEIRO DE MENDONÇA.

#### XADREZ

—  
TEICHMANN

A convite do CLUB DOS DIARIOS, vem a esta capital o grande enxadrista Ricardo Teichmann, que nesse club realizará algumas sessões de xadrez.

Ricardo Teichmann nasceu em 24 de de-

zembro de 1868 em Attenburgo Turingia, Allemanha, contando, pois, 38 annos. Estudou no Gymnasio de Attenburgo, depois em Berlim e Iena, onde se applicou á philosophia moderna e, além do inglez, que fala fluentemente, conhece o francez, o italiano e o hespanhol.

Trasladou-se em 1891 definitivamente para a Inglaterra, onde é considerado como um dos seus representantes. O seu estylo de jogo é moderno, muitas vezes brilhante; além de jogador emerito, é problemista de primeira ordem. E' de physionomia affavel, trato ameno, revelando grande intelligencia.

Eis a sua fé de officio, como enxadrista:

1891	— 1º Premio, Berlim.
1892	— 4º Simpson's Handicap.
1893	— 1º Simpson's Handicap.
	— 2º e 3º Premio do Black and White.
1894	— 3º Premio, Leipzig.
	— 1º Simpson's Handicap.
1895	— 7º Hastings.
1896	— 1º Simpson's Handicap.
1900	— 1º Londres.
1902	— 4º Monte Carlo.
1903	— Match com Napier, ganhando 5, perdendo 1, empatando 4.

No torneio de Ostende, ficou superior a Marshall.

— Publicamos hoje tres das mais recentes partidas do grande enxadrista, com os comentarios de mestres europeus de renome.

São jogadas contra adversarios temiveis, e entre elles o audacioso Marshall, um dos mais fortes jogadores mundiaes.

#### O XADREZ NO ESTRANGEIRO

No proximo mez de junho realiza-se o 2º congresso de xadrez de Ostende, que promete ser um extraordinario successo.

Serão distribuidos 30.000 francos de premios, quantia posta á disposição do Circulo de Xadrez de Bruxellas por Marquet, director do Kursaal. O director dos torneios será J. Gunsberg.

Haverá dois torneios de mestres: o primeiro reservado a cinco ou seis dos mais celebres jogadores e outros para os demais, no *maximum* 18.

Além disso serão organizados mais cinco torneios para amadores. O congresso se abrirá á 2 de junho e se encerrará a 15 de julho.

— W. Ward conquistou o campeonato do City of London Chess Club. O campeão do anno passado foi Leonhardt.

— A 24 de março, jogou-se pelo telegrapho um *match* entre as Universidades americanas e inglezas.

— Em Berlim, em um torneio de mestres, E. Cohn conquistou o 1º logar com 12 1/2 sobre 14 partidas.

— No mez de fevereiro realizou-se em Stockolmo um torneio de mestres e amadores. O 1º logar coube *ex-aequo* a Bernstein e Schlechter, o 2º a Mieses e o 3º a Marco. Houve 6 premios de 700 a 60 corôas.

— Como dissemos em um numero anterior, Fox foi victorioso no torneio realizado em New-York e do qual faria parte Marshall. Entre este e o campeão, realizou-se em seguida ao torneio um *match* de 6 partidas, das quaes Marshall ganhou 5 e empatou uma.

— No torneio para o campeonato do Canadá, realizado em Montreal, foi vencedor pela 3ª vez Magnus Smith, que, além do titulo de campeão, ganhou 100 dollars, uma taça e uma medalha de ouro do governador geral do Canadá.

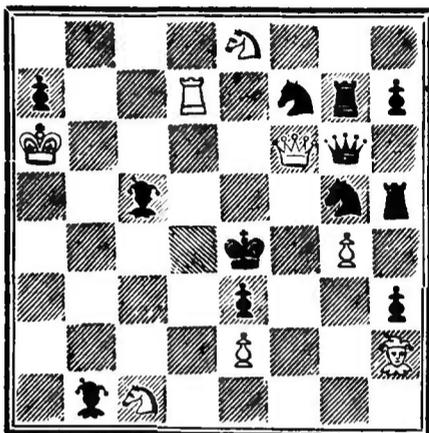
— Falleceram: Frank Healey, celebre compositor inglez, com 78 annos; o dr. Eugen von Schmid, sabio theorico allemão, com 84 annos.

— Até parece que o xadrez prolonga a vida dos seus cultores.

## PROBLEMA N. 45

P. F. Blake

PRETAS (12)



BRANÇAS (8)

Mate em dois lances

Este bellissimo problema obteve o 1º premio no concurso do *Western Daily Mercury*.

\*\*

## PARTIDA N. 47

(Jogada a 4 de março de 1905 no Club de Xadrez de Glasgow)

DEFEZA FALKBEER

Branças (Napier)	Pretas (Teichmann)
P 4 R	— 1 — P 4 R
P 4 BR	— 2 — P 4 D
P R × P	— 3 — P 5 R
P 3 D (a)	— 4 — C 3 BR
P × P	— 5 — C × P R
C 3 BR (b)	— 6 — B 4 BD
D 2 R	— 7 — B 7 BR x
R 1 D	— 8 — P 4 BR (c)
B 3 R (d)	— 9 — B × B
D × B	— 10 — P 3 BD
P 4 BD	— 11 — Roque
B 3 D	— 12 — P × P
P × P (e)	— 13 — D × P
R 2 R (f)	— 14 — C 3 BD
C 3 TD	— 15 — R 1 T
T R 1 D	— 16 — T 1 R
B × C	— 17 — D × B
C 5 R (g)	— 18 — C × C
P × C	— 19 — D × P C x
R 3 D	— 20 — D × P C
C 4 BD	— 21 — T 1 D x
C 6 D	— 22 — P 3 CD
R 4 B	— 23 — B 3 R x
abandonam	— 24 —

(a) Este lance retomado por Charousech no torneio de Nuremberg de 1896, é a melhor resposta a este contra-ataque.

(b) 6—D 2 R teria forçado a variante seguinte: 6—D 2 R, D × P; 7—C 2 D, P 4 BR; 8—P 4 CR, B 2 R 9—B 2 CR, D 4 TD; 10—P × P, C 3 BR 11—C 3 BR, com uma boa partida. A inversão dos lances C 3 BR e D 2 R, dando ás Pretas o tempo de fazer saír o BR, permite-lhes o Roque.

(c) 8... D × P x seria inferior.

(d) Si 9—C 3 B D, Roque; 10—C × C, P × C; 11—D × P, B 4 B R e as Pretas ganharão o PD com um bom ataque; no entanto, estes eguimento era melhor do que o do texto.

(e) Certamente havia aqui melhores linhas de jogo, 13—C D 2 D ou mesmo 13—B × C, P B × B; 14—C R 2 D, B 5 C R x; 15—R 1 B, etc.

(f) Si 14—C 3 B D, D × B x, seguido de C 7 B R x, etc.

(g) Por 18—D × D, T × D x; 19—R 1 B, T × P; 20 T 6 D, poderiam ainda defender-se, apezar do pião de menos.

(Notas de Hoffer)

\*\*

## PARTIDA N. 48

(Jogada no torneio de Ostende a 24 de junho de 1905)

PARTIDA FRANCEZA

Branças (Tschigarine)	Pretas (Teichmann)
P 4 R	— 1 — P 3 R
D 2 R	— 2 — P 4 B D (a)
P 4 BR	— 3 — B 2 R (b)
C 3 BR	— 4 — P 4 D
P 3 D	— 5 — C 3 BR
P 3 CR	— 6 — C 3 BD
P 3 BD	— 7 — Roque
B 2 CR	— 8 — P 4 C D (c)
Roque	— 9 — B 2 C D
T 1 D	— 10 — D 3 C D
P 5 R	— 11 — C 2 D
R 1 T	— 12 — T D 1 B D
B 3 R	— 13 — P 4 T D
C D 2 D	— 14 — P 5 T D
B 2 BR	— 15 — C 4 T D
P 4 D	— 16 — P 5 C D (d)
P D × P	— 17 — C × P
C 4 D	— 18 — P 3 CR
P 4 CR (e)	— 19 — P 6 T D (f)
P B × P	— 20 — P × P
T D 1 C D	— 21 — D × P
P 5 BR	— 22 — T R 1 R
P 6 BR	— 23 — B 1 BR
C (2 D) 3 BR	— 24 — C 5 B D
B 1 R	— 25 — D 5 T D
B 3 B D	— 26 — B 3 T D
D 1 R	— 27 — D 6 T D
C 2 B D	— 28 — D × P
C 4 C D	— 29 — D 5 T D
B × P	— 30 — C 5 R
C × B	— 31 — D × C
B 4 D	— 32 — D 4 T D
D 4 T R (g)	— 33 — T 1 C D
T 1 T D	— 34 — C 6 T D
B 1 BR	— 35 — T 6 C D
B 3 D	— 36 — T R 1 C D
B × C	— 37 — P × B
C 5 CR	— 38 — P 3 T R
C 3 T R (h)	— 39 — P 6 R
R 1 C	— 40 — P 7 R
T 1 R	— 41 — D 7 D
B 2 BR	— 42 — C 7 B D
abandonam	— 43 —

(a) A melhor resposta ao lance de Tschigarine nesta defeza.

(b) Com o intuito recommendavel de avançar P 4 D.

(c) Um lance significativo; demonstra que as Pretas ganharam tempos e que tomam a iniciativa.

(d) O vigoroso avanço do lado da Dama, habilmente conduzido pelas Pretas, prova que as Brancas não jogam este debut de modo favoravel a ellas.

(e) Perseguidas, as Brancas tentam um contra-ataque que não tem exito, pois as Negras tem a precaução de collocar a tempo o seu bispo a 1 B R.

(f) Um excellent lance que faz ganhar um pião.

(g) A tactica seguida dos dois lados é das mais interessantes; as Brancas não tem quasi probabilidades de romper o lado do rei negro.

(h) Si 39—C 4 R × P, D 4 D com vantagem.

\*\*

## PARTIDA N. 49

(Jogada no torneio de Ostende a 4 de julho de 1905)

PARTIDA FRANCEZA

Branças (Teichmann)	Pretas (Marshall)
P 4 R	— 1 — P 3 R
P 4 D	— 2 — P 4 D
C 3 B D	— 3 — C 3 B R
B 5 C R	— 4 — B 5 C D
P 5 R	— 5 — P 3 T R
B 2 D	— 6 — B × C
P × B	— 7 — C 5 R
B 3 D	— 8 — C × B
D × C	— 9 — P 4 B D
P 4 B R	— 10 — C 3 B D
C 3 B R	— 11 — D 4 T D
T 1 D	— 12 — P 5 B D
B 2 R	— 13 — D × P T
Roque	— 14 — D 6 T D
P 4 C R	— 15 — B 2 D
C 1 R	— 16 — P 3 C R
C 2 C R	— 17 — Roque T D.
C 3 R	— 18 — D 2 R
T 1 T D	— 19 — R 1 C
T R 1 C D	— 20 — B 1 B D
D 1 B D	— 21 — D 2 B D
D 3 T D	— 22 — P 3 B R
B 3 B R	— 23 — P × P
P B × P	— 24 — T R 1 B R
B 2 C R	— 25 — T 5 B R
P 3 T R	— 26 — P 4 T R
P 5 C R	— 27 — T 2 B R
T 5 C D	— 28 — P 3 C D
T (5 C) 1 C D	— 29 — C 2 R
T 1 B R	— 30 — T × T x
T × T	— 31 — C 4 B R
C × C	— 32 — P C × C
D 2 T D	— 33 — B 2 D
R 2 T	— 34 — B 1 R
R 3 C	— 35 — D 2 R
R 4 B	— 36 — P 4 T D
P 4 T R	— 37 — R 2 T
T 1 T D	— 38 — T 1 T D
B 3 B R	— 39 — R 2 T
T 1 C D	— 40 — D 2 B D
T 1 T D	— 41 — T 1 C D
D 3 T D	— 42 — P 4 C D ?
D 6 D x	— 43 — D × D
P × D	— 44 — P 5 C D
P × P	— 45 — T × P
R 5 R	— 46 — P 6 B D
R × P	— 47 — T × P
P 6 C R!	— 48 — T 5 C D
P 7 C R	— 49 — T 1 C D
P f. D.	— 50 — B 2 D x
R × B	— 51 — T × D
B × P D	— 52 — T 5 C R
R 6 B	— 53 — T 3 C R
B 4 B D x	— 54 — R 2 T
R 7 B	— 55 — P 5 R B R
T × P mate	— 56 —

\*\*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 44 (E. J. Winter Wood): C 7 C R.

JOSÉ GETULIO.